

“NÃO SABIA O QUE FAZER”

**O IMPACTO DA *ENIPSA* NAS TRAJETÓRIAS DE VIDA DAS
PESSOAS SEM-ABRIGO DO PORTO**

Cátia Alexandra Martins Cardoso

Junho, 2018

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor *Luís Fernandes* (FPCEUP).

“Toda a Arte que atinja as massas é uma expressão de sentimentos, - ternura,
tristeza ou alegria, patriotismo, angústia, amor.”

André Malraux, p.13, 2ºVolume

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

AGRADECIMENTOS

Antes de mais, agradecer ao Professor Luís Fernandes que ouviu sempre, com o maior interesse e disponibilidade, todas as minhas dúvidas, questões e receios e que me orientou durante todo este percurso.

A todos os participantes desta investigação, por me terem recebido tão bem e por fazerem com que eu tivesse a certeza de que, os tantos estereótipos e preconceitos que se ouvem não têm o mínimo de fundamento. Também por me terem ensinado que existem pessoas incríveis espalhadas “por aí”, a viver em condições mínimas e que precisam tanto de uma mão que os agarre e os ajude a mudar a sua vida! Por me terem aberto as portas do vosso Mundo, um que considero tão legítimo como os outros e, que ainda assim é tão discriminado aos olhos dos restantes.

À Dra. Paula França e a todos os técnicos, por me terem auxiliado no decorrer da investigação.

Aos meus pais que, apesar de todos os altos e baixos, me ajudaram a concluir mais uma etapa em direção a um sonho. Ao meu irmão que se tornou num grande apoio. À minha prima Inês por toda a força transmitida.

A todos os meus amigos por me terem demonstrado o verdadeiro significado da amizade. À Cátia, que para além de amiga, é companheira e me apoia em todos os momentos. À Patrícia e à Isabel por me terem ouvido e ajudado sempre. À Irina e à Mariana por todos os momentos de descontração. À Vanessa que, mesmo à distância, me apoiou em tudo de forma incansável. À Filipa, pelas boas energias e pela amizade incondicional. E finalmente, às minhas colegas e parceiras de vida académica, Natacha, Deborah e Rute, por terem partilhado este percurso.

Obrigada a todos, que de alguma forma estiveram presentes neste percurso!

RESUMO

A Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem Abrigo (*ENIPSA*) foi desenvolvida enquanto um conjunto de orientações e compromissos, que deveriam ser implementadas consoante as diferentes necessidades locais. Após a criação do Núcleo de Planeamento e Intervenção Sem Abrigo (*NPISA*) do Porto e o desenvolvimento de diferentes plataformas neste âmbito, surge a Associação Solidária Uma Vida como a Arte, sobre a qual recai maioritariamente esta investigação. Assim, pretendeu-se analisar a *ENIPSA* de uma forma geral e, especificamente, caracterizar o fenómeno das pessoas em situação de sem-abrigo, assim como as suas trajetórias de vida descendentes (que colmataram nesta condição) e ascendentes (que originaram a sua reinserção na sociedade), tendo em conta o impacto da associação nestas. Para tal, utilizou-se a metodologia de investigação-ação, recorrendo-se à elaboração de um diário de campo, à observação participante e à realização de entrevistas etnográficas.

Os principais resultados desta investigação revelaram que as questões relacionadas com a família (e.g., ruturas e alterações estruturais), assim como questões relacionadas com o trabalho e ocupação (e.g., desemprego, desocupação, precariedade laboral), ou o abuso/dependência de substâncias, podem estar na origem das progressivas trajetórias descendentes destes indivíduos. Para além disto, foram também frequentemente mencionados acontecimentos ou situações consideradas problemáticas e marcantes pelos indivíduos. Por sua vez, verificou-se que o facto de os mesmos encontrarem uma ocupação (onde se inserem as atividades realizadas no âmbito da associação), assim como um emprego, pode estar inerente à sua progressiva reinserção. Concomitantemente, verificou-se que existe uma grande diversidade de experiências vividas consoante as trajetórias de vida e as diferentes formas de reagir a uma mesma situação. Por último, a *ENIPSA* demonstrou ter trazido avanços no que diz respeito ao fenómeno das pessoas em situação de sem-abrigo, na cidade do Porto, e especificamente na vida dos membros da Associação Solidária Uma Vida como a Arte. Não obstante, reconhece-se que ainda existem aspetos a ser melhorados, de modo a colmatar os estereótipos ainda existentes.

Palavra-Chave: Trajetórias; Sem-Abrigo; Exclusão social; *ENIPSA*; Investigação-Ação.

ABSTRACT

The National Strategy to the Homeless Integration (ENIPSA in portuguese) was developed as a set of commitments and guidelines, that should be implemented according to the different local needs. After the creation of the Nucleus of Homeless Planning and Intervention (NPISA in portuguese) of Porto and the development of different platforms in this context, comes up the Solidarity Association “Uma Vida como a Arte”, in which this research is mainly based. Thus, it was intended to analyze the ENIPSA in a general mode and, specifically, to characterize the phenomenon of homeless people, as well as their descending life trajectories (that led them to this condition) and ascending ones (that originated their reinsertion in society), taking into account the impact of the Association. To this end, was used the action research methodology, a field diary was designed, participant observation and ethnographic interviews were carried out.

The main results of this research have revealed that the family-related issues (e.g., structural breakdowns and changes), as well as issues related to work and occupation (e.g., unemployment and job insecurity), or substance abuse/dependence, may have been at the origin of the progressive descending trajectories of the subjects. In addition, events or situations considered problematic and marked by individuals were also frequently mentioned. In turn, it was found that the fact that they find an occupation (including associations’ activities), as well as employment, may be inherent in their progressive reintegration. At the same time, it was found that there is a great diversity of experiences lived according to the life trajectories and different ways of reacting to the same situation. Lastly, ENIPSA has demonstrated that it has made progress with regard to the phenomenon of homeless people, in the city of Porto, and specifically in the life of the members of Association. Nevertheless, it is recognized that there are still aspects to be improved, in order to bridge the stereotypes that still exist.

KeyWords: Trajectories; Homeless; Social Exclusion; ENIPSA; Action Research.

RÉSUMÉ

La Stratégie Nationale pour l'Intégration des Personnes Sans-Abri (ENIPSA en portugais) a été élaborée sous la forme d'un ensemble de lignes directrices et d'engagements qui devraient être mis en œuvre en fonction des différents besoins locaux. Après la création du Centre de Planification et d'Intervention Sans Abri (NPISA en portugais) à Porto et le développement de différentes plateformes dans ce domaine, l'Association de Solidarité Une Vie comme Art émerge, sur laquelle cette recherche est principalement basée. Ainsi, il était prévu d'analyser ENIPSA en général et, plus précisément, de caractériser le phénomène des sans-abri, ainsi que leurs trajectoires de vie descendantes (et satisfaites) et ascendantes (qui ont conduit à leur réintégration dans la société), en tenant compte de l'impact de l'association sur ceux-ci. A cette fin, a été utilisé la méthodologie de recherche action, un carnet de terrain a été conçu, des observations participantes et des interviews ethnographiques ont été réalisées.

Les principaux résultats de cette recherche ont révélé des problèmes familiaux (e.g., des ruptures et des changements structurels), ainsi que des problèmes liés au travail et à la profession (e.g., chômage, aucune occupation, insécurité d'emploi) ou toxicomanie ou dépendance étant à l'origine des trajectoires descendantes progressives de ces individus. En outre, des événements ou des situations considérés comme problématiques et marqués par des individus ont également été fréquemment mentionnés. À son tour, il a été constaté que le fait qu'ils trouvent une occupation (où les activités sont menées au sein de l'association), ainsi que l'emploi, peuvent être inhérents à leur réintégration progressive. En même temps, il a été constaté qu'il existe une grande diversité d'expériences vécues selon les trajectoires de vie et les différentes façons de réagir à la même situation. Pour finir, l'ENIPSA a démontré qu'elle a progressé en ce qui concerne le phénomène des personnes sans domicile, dans la ville de Porto, et particulièrement dans la vie des membres de l'Association de Solidarité Une Vie comme l'Art. Néanmoins, il est reconnu qu'il reste des aspects à améliorer, afin de combler les stéréotypes qui existent encore.

Mots clefs: Trajectoires; Sans-abri; Exclusion Sociale; ENIPSA; Recherche d'action.

ÍNDICE

Introdução.....	1
PARTE A: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	2
Capítulo I – Compreensão da Pessoa Sem-Abrigo.....	3
1. Pessoa Sem-Abrigo	3
1.1. Figuras da marginalidade: do vagabundo ao sem-abrigo.	3
1.2. Conceito de pessoa sem-abrigo.	5
2. Trajetórias.....	5
2.1. Do individual ao social.	6
2.2. Pobreza e exclusão social.	7
2.3. A (re)inserção.	8
3. Pertinência do Estudo.....	10
Capítulo II – A Intervenção Social através da Arte	11
1. Do Geral ao Individual: Um Programa de Referência	11
2. Uma Vida como a Arte: Projetos e Atividades	13
3. A Arte enquanto Instrumento de Intervenção	16
4. Pertinência do Estudo.....	17
PARTE B: INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA	19
Capítulo I - Método	20
1. A Investigação-Ação nas Ciências Sociais	20
2. Questões de Investigação e Objetivos	21
3. Recolha e Registo de Dados.....	22
4. Participantes	23
5. Tratamento de Dados	24
Capítulo II – Ser Sem-Abrigo no Porto.....	26
1. Breve Nota Introdutória	26
2. Trajetória da Pessoa Sem-Abrigo.....	26
3. Experiência de Ser Sem-Abrigo.....	32
4. Preparar o Sair “da Rua”: Uma Vida como a Arte.....	34
5. Instituições	35
Conclusão.....	39
Referências Bibliográficas	41
Anexos	46

Índice de Anexos

Anexo 1. Grelha de análise de conteúdo e descrição das respetivas categorias.	45
--	----

Lista de Abreviaturas

ENIPSA – Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem-Abrigo, 2009-2015

NPISA – Núcleo de Planeamento e Intervenção Sem-Abrigo

FEANTSA - Federação Europeia de Ong's que trabalham com sem-abrigo.

Introdução

O fenómeno das pessoas sem-abrigo tem vindo a sofrer alterações históricas quer no que diz respeito à sua denominação, quer relativamente à forma como é encarada pela sociedade, sendo que as intervenções realizadas variam também consoante estas alterações. Apesar de, atualmente, existirem conhecimentos que permitam concluir que esta condição não depende exclusivamente do indivíduo, mas também da sociedade em que este se insere, é passível assistir-se ainda a comportamentos e observações estereotipadas. Figuras como *vagabundo* e *vadio* continuam muitas vezes associadas a estes indivíduos, fazendo com que permaneçam uma fonte de estigma, preconceito e segregação. Desta forma, as pessoas sem-abrigo são vistas enquanto estando à margem da sociedade. Margem esta que torna saliente o centro em que a restante população vive.

Na Parte A, referente ao enquadramento teórico, encontra-se o Capítulo I dedicado à compreensão do fenómeno da pessoa sem-abrigo, no que diz respeito ao conceito em si e à evolução histórica do conceito, abordando-se também as trajetórias, nomeadamente no que diz respeito às potenciais influências destas no culminar da condição. No Capítulo II desta mesma parte, descreve-se brevemente a Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem-Abrigo (*ENIPSA*), fazendo-se referência ao Núcleo de Planeamento e Intervenção Sem-Abrigo (*NPISA*) do Porto, tal como as suas plataformas (Plataforma “As Vozes do Silêncio”; Plataforma “Organizações Voluntárias”; Plataforma “Triagem e Acompanhamento Social”; Plataforma “+ Emprego”) e à Associação Solidária Uma Vida como a Arte. Assim são mencionadas também, diversas atividades realizadas no âmbito desta última, sendo mencionadas também outras estratégias de intervenção social através da arte, em Portugal e o Mundo.

A Parte B foi dedicada à investigação empírica propriamente dita, sendo que no Capítulo I realizou-se uma breve descrição do papel das metodologias qualitativas nas Ciências Sociais, apresentando-se a metodologia utilizada nesta investigação, assim como as questões de investigação e objetivos da mesma. No Capítulo II foram descritos os resultados deste estudo, tendo sido discutidos com referências ao quadro conceptual teórico apresentados na Parte A, sempre que se considerou necessário e relevante para a compreensão dos mesmos.

PARTE A:

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo I – Compreensão da Pessoa Sem-Abrigo

1. Pessoa Sem-Abrigo

“Um corpo tem de ocupar um lugar no espaço” (Rui, 2010, p.801).

1.1. Figuras da marginalidade: do vagabundo ao sem-abrigo.

Figuras como mendigos, vagabundos e vadios existiram desde sempre na sociedade. No entanto, em Portugal, foi após a revolução de abril, em 1974, que se adotou uma nova compreensão deste fenómeno, encarando-se a pessoa sem-abrigo como alguém privado de direitos e cidadania (Mendes, 2014). Desta forma, foi em 1976, com o decreto de lei n.º 365, que a repressão à mendicância foi abolida (Barreto, 2000), passando este a ser o quadro legal que permanece até aos dias de hoje. Assim, tem-se verificado uma evolução nos discursos oficiais relativamente a este fenómeno, passando o foco a estar nas desigualdades geradas pelo modo como a sociedade se organiza e abandonando-se a responsabilização do próprio indivíduo. Começou a prestar-se mais atenção às denominadas causas externas do problema, sendo que, atualmente, não existe nenhuma legislação específica referente ao fenómeno dos sem-abrigo, no que diz respeito à situação portuguesa (Bento & Barreto, 2002).

A par da evolução na forma como a condição de sem-abrigo é encarada legalmente, verificaram-se também alterações ao nível da sua denominação. O termo *sem-abrigo* veio substituir outras designações utilizadas anteriormente que, por si só, possuíam um carácter pejorativo (e.g., *vagabundo*, *mendigo*, *vadio*). No entanto, segundo diversos autores (Barreto, 2000; Fernandes, 2006; Mendes, 2014; Nascimento, 2016), tais designações não possuem significados similares e, pelo contrário, focam-se em diversos aspetos que não estão necessariamente interligados. “Vagabundo ou vagamundo (do latim *vagari*) é aquele que vagueia e não tem casa, corre o mundo sem finalidade determinada, um ser errante e errático, sem rumo fixo” (Bento & Barreto, 2002, p.23), “Mendigo (latim *mendicu*) é aquele que pede esmola” (Bento & Barreto, 2002, p.23) e Sem-Abrigo alia a falta de habitação própria a um conjunto de situações que têm em comum a falta de meios (pobreza) e a exclusão social (Bento & Barreto, 2002).

O contacto dos técnicos que trabalham em equipas de rua permitiu dizer que se verificaram também algumas alterações ao nível do perfil sociográfico das pessoas em situação de sem-abrigo, considerando que se tem vindo a assistir a um aumento quer ao nível

do número de pessoas que passaram a estar nesta situação, como ao nível da gravidade da mesma (Aires, 2005). Em 2010¹, a Paula França, enquanto coordenadora do NPISA do Porto, referiu que a maior parte das pessoas que se encontravam nesta condição eram do sexo masculino, numa percentagem de 62% para 38% do sexo feminino, tendo-se verificado um aumento significativo destas últimas. A idade variava entre os 20 e os 50 anos, sendo na maioria indivíduos divorciados e com escolaridade baixa. Na sua generalidade eram indivíduos desempregados, desocupados ou com incapacidades e que na sua trajetória de vida apresentavam ou ruturas familiares muitas vezes associadas a fenómenos de toxicodependência, prostituição, alcoolismo, ou ruturas relacionadas com divórcios, morte de filhos, perda total de negócios e doenças psiquiátricas. Estes eram indivíduos que utilizavam, na sua maioria, os serviços sociais há mais de sete anos, tendo um bom conhecimento dos mesmos e os seus rendimentos eram maioritariamente pensões de invalidez mínimas ou o rendimento social de inserção. Considerou-se ainda importante referir que por esta altura a ENIPSA já se encontraria em vigor.

No que diz respeito às investigações realizadas no âmbito dos fenómenos de *marginalização extrema* (e.g., sem-abrigo, toxicodependência, imigração, prostituição)², Aires (2005) referiu que estas são escassas, nomeadamente no que diz respeito ao estudo da interação entre diferentes níveis de causalidade que, em conjunto, permitam explicar o processo que conduz a tais situações, assim como à sua persistência. Convém salientar que, associado a este conceito de marginalização extrema, estão dois outros conceitos definidos por Bento e Barreto (2002): marginal e marginalizado. Enquanto que o primeiro diz respeito ao indivíduo que é responsável por estar fora das normas sociais, o segundo diz respeito ao indivíduo que “é posto fora da sociedade” (p.24). Considera-se, pois, que as pessoas em situação de sem-abrigo se encontram enquadradas na segunda definição, uma vez que como já se mencionou, abandonou-se a ideia de responsabilização do indivíduo pela sua condição. Constata-se que, historicamente, se assistiu a uma alternância no que diz respeito à tolerância ao fenómeno das pessoas em situação de sem-abrigo (Bentos & Barreto, 2002). Atualmente, vive-se um período de tolerância relativa ao mesmo, admitindo-se que este se encontra relacionado com outros fatores, como é o exemplo da pobreza e do desemprego prolongado (Pereira, 2009).

¹ “Outras Pontes do Porto”: apresentação em *power-point* realizada por Paula França, em novembro de 2010, realizada para os parceiros do NPISA Porto.

² Com a designação de fenómenos de marginalização extrema consideram-se apenas certas faixas dos fenómenos mencionados (e.g. imigração clandestina, prostituição de rua).

1.2. Conceito de pessoa sem-abrigo.

Na ENIPSA, em vigor entre 2009 e 2015, foi proposta uma definição do conceito de pessoa sem-abrigo segundo um conjunto de categorias apresentadas pela *FEANTSA (ETHOS - Tipologia Europeia sobre Sem-Abrigo e Exclusão Habitacional)*, também utilizada em outros países Europeus. Neste sentido, a ENIPSA considera que o conceito de pessoas sem-abrigo não se restringe apenas aos indivíduos que se encontram a viver em espaços públicos (sem teto), mas também a todos aqueles que vivem em condições precárias (habitação inadequada), ou que estão em risco de serem despejados (habitação insegura), ou ainda que se encontrem a viver em alojamentos temporários adequados para esse efeito (sem casa).

Segundo o artigo 25º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) todos os indivíduos têm o direito de ter um nível de vida adequado para assegurar bem-estar e saúde a si e à sua família, sendo que aqui se inclui entre outros, o direito à habitação. Por outro lado, o direito à habitação é considerado também no artigo 31º da Carta Social Europeia, aberta à assinatura dos Estados-Membros do Conselho Europeu em Estrasburgo, a 3 de maio de 1996³, considerando necessário adequar o preço da habitação para pessoas com baixos recursos económicos. Consta ainda na Constituição da República Portuguesa (1976), o direito à habitação (artigo 65º) de dimensão adequada e com condições de higiene e conforto, de forma a garantir a preservação da intimidade pessoal e da privacidade familiar, cabendo ao Estado garantir o acesso à habitação própria e mais uma vez, a adequação do sistema de renda ao rendimento familiar. Como tal, é perceptível que a habitação é considerada como sendo um bem essencial para a vida em sociedade.

Segundo Miguel, Ornela e Maroco (2010), a existência de diferentes perceções sociais relativamente a este fenómeno implica a utilização de diferentes conceitos, o que dificulta a sua compreensão e a realização de estimativas mais acertadas acerca do mesmo. Neste sentido, considera-se benéfica a elaboração de uma definição a nível global para que se torne possível definir intervenções mais adequadas e orientadas para a prevenção.

2. Trajetórias

“As políticas sociais e económicas, a sociedade em geral, as instituições, os técnicos

³ Resolução da Assembleia da República n.º 64-A/2001.

sociais e de saúde e os próprios sem-abrigo podem ter responsabilidades na génese e manutenção da condição de sem-abrigo” (Bento & Barreto, 2002, p.58).

2.1. Do individual ao social.

O fenómeno das pessoas em situação de sem-abrigo apresenta um carácter complexo e é composto por uma grande heterogeneidade (Aires, 2005), particularmente no que diz respeito às trajetórias e aos elementos que as influenciam (Teixeira, 2011).

As pessoas sem-abrigo vão adquirindo diversas experiências durante o período de tempo em que se encontram nesta condição. O conceito de *experiência* foi definido por Fernandes e Carvalho (2003) como sendo a posição que o sujeito adota quando se relaciona com elementos externos com os quais contacta diariamente, tornando-a em algo muito pessoal. Estes autores consideraram que a experiência social se encontra relacionada com a forma como cada indivíduo percebe e reage a determinadas situações, estando esta relacionada com as diferentes posturas adotadas em diversos contextos sociais, originando a subjetividade do indivíduo enquanto ator social.

Bento e Barreto (2002) consideraram que as trajetórias destes indivíduos são influenciadas tanto por fatores individuais como estruturais. Relativamente aos fatores de ordem individual, os autores destacaram a elevada existência de doenças mentais e o abuso/dependência de substâncias, assim como o baixo nível de escolaridade, como fatores que tornam estes indivíduos mais vulneráveis a esta condição. À semelhança destes, outros autores referiram consumos de álcool e de outras substâncias (Aires, 2005; Teixeira, 2011), a presença de doenças infectocontagiosas (Aires, 2005) e o desenvolvimento de psicoses (Teixeira, 2011) podem também influenciar as trajetórias destes indivíduos. Já no que diz respeito aos fatores de ordem estrutural, as elevadas taxas de pobreza, os baixos salários, a escassez de apoios sociais e a dificuldade de acesso à habitação ou ao emprego também têm influência nestas trajetórias (Bento & Barreto, 2002). Problemas relacionados com a família e com o trabalho são também referidos (Aires, 2005; Quintas, 2010; Teixeira, 2011). Aires (2005) referiu especificamente a existência de percursos familiares marcados pela institucionalização, quer na infância, quanto na adolescência, assim como por diversas perdas afetivas, pelo abandono ou rutura familiar, por condições de saúde deficitárias, por instabilidade no que se refere à habitação/residência, por níveis elevados de isolamento social e pela precariedade ao nível de recursos profissionais e financeiros. Por sua vez, Teixeira (2011) referiu também o mau funcionamento das estruturas sociais, nomeadamente no que diz respeito às políticas de saúde, educação, habitação e segurança social.

É de notar que o facto de existir uma falta de redes sociais de apoio pode também ter influência nesta condição (Aires, 2005) e o tempo que os indivíduos estão expostos a esta condição é também um fator importante, uma vez que faz sobressair um conjunto de vulnerabilidades e um esgotamento de recursos e de redes de relações pessoais e familiares ao longo do tempo (Aires, 2005).

Como tal, é necessário ter-se em conta a singularidade da trajetória de cada um destes indivíduos (Quintas, 2010), assim como da experiência vivenciada por cada um, para a realização de uma análise o mais completa possível e consequentemente o delineamento de uma intervenção adequada a cada caso. Assim:

A condição de sem-abrigo pode ser compreendida como o resultado de um longo percurso de desintegração, de ausência de perspectivas, de degradação das relações de pertença, desvinculação laboral até ao último patamar responsável pelos fenómenos de rutura e de crise identitária. (Quintas, 2010, p.10).

2.2. Pobreza e exclusão social.

Ainda que a definição do conceito de pessoa sem-abrigo não seja consensual, divergindo consoante autor e época, a ideia da pobreza e da exclusão social estão sempre presentes quer no que diz respeito às trajetórias destes indivíduos (Muñoz & Vasquez, 1998), quer no que diz respeito a estudos realizados neste âmbito (Fernandes, 2006; Teixeira, 2011; Camões, 2012; Semedo, 2012; Nascimento, 2016). Tanto a pobreza como a exclusão social são, atualmente, uma realidade pública presente no dia-a-dia de todos e como tal tem sido objeto de estudo por parte das Ciências Sociais. A presença de ambas na sociedade portuguesa não explica necessariamente o fenómeno das pessoas em situação de sem-abrigo, ainda que possam ter uma grande influência (Aires, 2005), uma vez que apenas em alguns dos casos esta condição resulta da condição primária de pobreza (Bento & Barreto, 2002).

Historicamente, Toscano (1993, citado por Fernandes, 2006) propôs que os primeiros estudos relacionados com a pobreza surgiram em pleno desenvolvimento da Revolução Industrial, em Inglaterra, apesar de existirem referências sobre esta já na Idade Média. No contexto Português, os primeiros estudos acerca da pobreza foram realizados nos anos 80, no entanto apenas em 2004 foi realizado o primeiro inquérito a nível nacional acerca da perceção social deste fenómeno (Nascimento, 2016). Em relação ao conceito de exclusão social, este é ainda bastante recente e a sua utilização é dificultada pela grande difusão que tem nos diferentes discursos, nomeadamente no que diz respeito aos meios políticos e intelectuais (Rodrigues, Samagaio, Ferreira & Mendes, 1999).

É de referir que os conceitos de pobreza e exclusão social não são sinónimos, contudo reforçam-se mutuamente (Rodrigues et al., 1999). Relativamente à pobreza, Paugam (2003) considerou que esta não diz respeito apenas à ausência de bens materiais, mas também a um determinado estatuto social considerado inferior e que é desvalorizado. Segundo Rodrigues et al. (1999) a pobreza é, no entanto, de fácil identificação e é sobretudo um processo estático. Por outro lado, a exclusão social pode ser definida enquanto um processo constituído por ruturas sucessivas com diversos sistemas sociais básicos (e.g. mercado de trabalho, família), o que a torna num processo de carácter mais dinâmico, não sendo de tão fácil identificação quanto a pobreza (Costa, 1998). Desta forma, a pobreza pode ser considerada apenas como uma das dimensões da exclusão social, sendo talvez a mais visível, apesar de existirem outras (e.g. desemprego, marginalidade, discriminação) (Rodrigues et al., 1999).

Costa (2008) definiu a pobreza enquanto uma “situação de privação por falta de recursos” (p. 62), concluindo que não existe pobreza sem exclusão social, apesar de o oposto não ser válido por existirem formas de exclusão social que não impliquem a pobreza (e.g., idosos). Por outro lado, este mesmo autor (1998) afirma que o conceito de cidadania, enquanto participação plena da pessoa em sociedade e incluindo o benefício de um conjunto de direitos e deveres, está inerente ao conceito de exclusão social. Desta forma, assiste-se a uma discrepância no que diz respeito aos membros da sociedade que beneficiam de um conjunto de direitos e deveres e os que não beneficiam dos mesmos (Bento & Barreto, 2002).

Fernandes (2006) considera que o fenómeno das pessoas em situação de sem-abrigo corresponde à privação de recursos materiais e simbólicos e à impossibilidade de exercer a sua posição enquanto cidadão. Como tal, esta situação origina estereótipos que podem ser definidos enquanto simplificações que tendem a exagerar estas características, agravando ainda mais a condição em que estes indivíduos se encontram (Bento & Barreto, 2002). Destes estereótipos é possível, ainda, que resultem estigmas, definidos por Goffman (1963) enquanto um atributo social utilizado para expor características negativas acerca do estatuto moral do indivíduo, tornando a tarefa de viver em sociedade quase impossível.

2.3. A (re)inserção.

Em oposição à ideia de exclusão social pode encontrar-se a de integração ou inclusão social (Nascimento, 2016) das pessoas que se encontram em situação de sem-abrigo. A reinserção pode ser vista enquanto um processo de interação entre o indivíduo e a sociedade, no que diz respeito à sua integração e inclusão em três níveis da vida social: microssocial

(família e grupo de pares); mesossocial (instituições e organizações); e macrossocial (integração do indivíduo em comunidade/ sistemas sociais).

A partir da década de 90, o fenómeno das pessoas sem-abrigo passou a receber mais atenção por parte das instituições em Portugal, assistindo-se a um crescente desenvolvimento de equipamentos e projetos (Bento & Barreto, 2002). Na ENIPSA é mencionado o facto de os relatórios da Comissão Europeia identificarem o fenómeno sem-abrigo e as políticas dirigidas a este fenómeno como uma prioridade em quase todos os países. No entanto, apesar do papel das instituições ser essencial na prevenção, intervenção e acompanhamento junto das pessoas sem-abrigo, Aires (2005) afirmou que alguns dos técnicos do terreno mencionaram não conseguir cumprir devidamente o seu papel, pelo que consideravam benéfico o trabalho em parceria com diversas instituições, no sentido de existir uma maior facilidade de respostas e evitamento de duplicação das mesmas. Por sua vez, o desenvolvimento e implementação da ENIPSA teve como objetivo principal potencializar os recursos existentes através da realização de um trabalho multidisciplinar, adaptando cada intervenção às necessidades existentes.

Segundo os técnicos entrevistados no projeto europeu *in Extremis* (Aires, 2005), a situação de sem-abrigo ultrapassa problemáticas relacionadas com a habitação, estando frequentemente presente graves carências económicas, problemas de inserção no mercado de trabalho, carências ao nível da saúde e também ausência de redes de suporte. No entanto, as principais preocupações por parte das pessoas sem-abrigo estariam relacionadas com o desejo de uma casa própria e com a vontade de encontrar emprego de forma a garantir um futuro melhor.

No que diz respeito às intervenções realizadas no âmbito do fenómeno das pessoas sem-abrigo, Jesus e Menezes (2010) sugeriram que estas deveriam ter por base a promoção do empoderamento, no sentido de estes passarem a ter o controlo total da sua vida, fornecendo a possibilidade de participar ativamente na sociedade. Segundo Kleba e Wendausen (2009), o empoderamento apresenta um carácter dinâmico e envolve processos cognitivos, afetivos e relacionados com a conduta. Estes autores consideraram três níveis de empoderamento: o pessoal que permite a emancipação dos indivíduos, promovendo um aumento da autonomia e da liberdade; o organizacional que permite respeito e apoio mútuo, promovendo um sentimento de pertença grupal; e o político que promove a participação social no sentido da cidadania.

3. Pertinência do Estudo.

Tendo em conta que o fenómeno aqui analisado se apresenta segundo um carácter multidimensional e complexo, que pode afetar não só os indivíduos considerados mais vulneráveis, como também aqueles que se encontram numa situação social e económica estável considerou-se relevante fazer um levantamento da literatura existente acerca do mesmo. Neste sentido, importa também referir que a associação sobre a qual recaiu, maioritariamente a investigação, é constituída por pessoas com experiência de ser sem-abrigo, não existindo conhecimento acerca de nenhuma outra com semelhanças no que diz respeito a esse aspeto.

Por sua vez, a análise de quais os principais fatores de risco capazes de originar a condição de sem-abrigo adquiriu especial importância nesta investigação, uma vez que se pretendia analisar trajetórias de vida de diferentes membros da Associação Solidária Uma Vida como a Arte. Os estudos enunciados demonstraram, na sua maioria alguma semelhança/regularidade no que a isto diz respeito, sendo que tanto fatores individuais, como fatores estruturais estão presentes, quer nas trajetórias descendentes relativamente à integração social, quer nas trajetórias ascendentes à medida que se inserem.

Capítulo II – A Intervenção Social através da Arte

A presente investigação foi realizada no âmbito da Associação Solidária Uma Vida como a Arte considerando-se relevante descrever e contextualizá-la, fazendo também referência a outras intervenções realizadas quer nacional, quer internacionalmente, com o objetivo de utilizar a arte enquanto instrumento de debate para a reinserção.

1. Do Geral ao Individual: Um Programa de Referência

Entre os anos de 2009 e 2015 foi implementada uma estratégia a nível nacional, a ENIPSA, decorrida da necessidade de tomada de consciência da existência de um problema e da insuficiência de respostas originada pela falta de articulação das intervenções existentes. Por outro lado, reconhecia-se o insuficiente conhecimento acerca do mesmo e a necessidade de consensualização de um tipo de resposta que potenciase os recursos já existentes. Neste sentido, objetivava-se o desenvolvimento de medidas interventivas que permitissem prevenir e solucionar o fenómeno das pessoas em situação de sem-abrigo. Desta forma, pretendia-se colmatar a ausência de legislação relacionada com políticas acerca dos direitos destas pessoas, existente até então. Assim, esta estratégia consistiu num:

Conjunto de orientações gerais e compromissos das diferentes entidades, cuja operacionalização deve ser implementada a nível local, no âmbito das redes sociais locais (dos Conselhos Locais de Ação Social), com base em planos específicos e adequados às necessidades locais identificadas (ENIPSA, p.7).

A implementação desta estratégia foi realizada com base no modelo de intervenção e acompanhamento, implicando uma abordagem multidimensional, tanto no que diz respeito ao diagnóstico, como no que diz respeito ao acompanhamento dos casos. A aplicação do modelo proposto exigia a realização de um diagnóstico local completo onde estariam incluídas, não apenas as pessoas que já se encontravam em situação de sem-abrigo, como também pessoas em risco de passar a esta condição. Este modelo encontrava-se dividido em duas partes: a intervenção em emergência (desde a sinalização da situação, passando pelo diagnóstico e triagem, até à atribuição do gestor de caso⁴ e o encaminhamento para o

⁴ Técnicos de diferentes associações parceiras da rede, que devem acompanhar e ser responsáveis pela gestão de processos das pessoas em situação de sem-abrigo.

alojamento); e o acompanhamento após a emergência (preparação do plano individual de inserção, identificando quais os recursos necessários para a sua realização, sendo que o gestor de caso assume um papel de mediador entre o sujeito e as diferentes entidades e respostas com as quais o indivíduo terá contacto durante o processo). Por outro lado, a ENIPSA deu especial importância às intervenções de carácter mais preventivo, no sentido de reduzir a probabilidade de ocorrência de fatores de risco, visando a obtenção de resultados a médio e longo prazo.

No caso específico da cidade do Porto, a implementação desta estratégia é visível ainda nos dias de hoje através do NPISA do Porto. O NPISA do Porto iniciou a sua atividade em março de 2009, com cerca de 2500 pessoas em situação de rua, sendo que atualmente estão cerca de 900 pessoas em acompanhamento social e de saúde e 100 continuam na rua⁵. Atualmente o NPISA do Porto conta com o apoio de aproximadamente 68 organizações públicas, privadas e voluntárias, tornando-se num programa modelar e de referência a nível Nacional e adotando como principal missão a ideia de que não pode existir um único sem-abrigo nas ruas do Porto que não esteja devidamente identificado. Este programa engloba quatro plataformas diferentes: Plataforma “As Vozes do Silêncio” – pretende que a população em situação de sem-abrigo se expresse através da arte, criando espaços de partilha para os próprios e para a restante comunidade; Plataforma “Organizações Voluntárias” – tem como objetivo a sinalização de pessoas que estão a viver na rua; Plataforma “Triage e Acompanhamento Social” – pretende retirar estas pessoas da rua e acompanhá-las até se reinserirem novamente; e Plataforma “+ Emprego” – tem como objetivo estabelecer contactos entre pessoas em situação de sem-abrigo com perfil de empregabilidade e as empresas, promovendo a sua inserção a nível laboral.

A Associação Solidária Uma Vida como a Arte, sobre a qual recaiu maioritariamente esta investigação, é parte integrante da Plataforma “As Vozes do Silêncio”, tendo sido criada enquanto resultado da ação da mesma. Esta associação é constituída, essencialmente, por pessoas com experiência de sem-abrigo, tendo ou não vivido na rua e pretende desconstruir ideias pré-concebidas acerca das pessoas em situação de sem-abrigo, através da linguagem universal da arte. Importa referir que esta foi formalizada através de escritura notarial a 6 de fevereiro de 2017, tendo iniciado o seu percurso oficialmente no ano 2013, ainda enquanto Comissão, passando posteriormente a Movimento e, por último, a Associação. Alguns dos

⁵ Material de informação fornecido por Paula França, ainda enquanto coordenadora da plataforma NPISA Porto.

atuais membros desta associação começaram a reunir-se a 17 de junho de 2013, na Casa da Rua⁶, onde ainda ocorrem algumas das reuniões semanais (outras tanta ocorrem no Espaço T⁷). Os primeiros encontros foram organizados por um indivíduo que residia na Casa da Rua e era membro da associação CASO (Consumidores Associados Sobrevivem Organizados)⁸. Na sequência destes encontros surgiram preocupações semelhantes por parte dos diversos intervenientes, passando a existir reuniões de grupo semanais. A proposta inicial seria a de conseguir que pessoas em situação de sem-abrigo fossem a estas reuniões, tornando-se um grupo informal de pessoas que partilhavam as suas preocupações e trabalhavam em torno delas, com o objetivo comum de melhorar as condições de vida de pessoas em situação de sem-abrigo. As reuniões eram abertas a todos os indivíduos sendo que ainda hoje continuam a seguir este pressuposto⁹.

2. Uma Vida como a Arte: Projetos e Atividades

A Associação Solidária Uma Vida como a Arte tem vindo a desenvolver e a participar num conjunto de projetos e atividades realizados quer por iniciativa própria, quer a convite de outras entidades. Importa referir que o objetivo destes encontros e debates não se encontra apenas na troca de ideias entre artistas e pessoas em situação de sem-abrigo, mas sim na promoção de ação social com vista à inclusão destas pessoas, através da linguagem universal da arte.

A 2 de outubro de 2013 realizou-se um encontro no Cinema Batalha¹⁰ organizado pela Plataforma “As Vozes do Silêncio”. Este encontro foi designado “A Exclusão e a Arte” e, à semelhança de outros, tinha como objetivo debater temas específicos relacionados com a temática das pessoas em situação de sem-abrigo na cidade do Porto. Neste encontro ocorreu também a estreia nacional do filme “Au Monde” de Christophe Bisson¹¹, tendo também este estado presente. Ao estabelecer contacto com pessoas em situação de sem-abrigo,

⁶ Comunidade de inserção pertencente à Santa Casa da Misericórdia, localizada na Rua Joaquim de Vasconcelos, no Porto que tem como objetivo de prestar apoio à população em situação de sem-abrigo.

⁷ Associação para Apoio à Integração Social e Comunitária. Retirado de:

https://www.facebook.com/pg/espacot/about/?ref=page_internal

⁸ Associação de utilizadores e antigos utilizadores de drogas, sem fins lucrativos, que pretende promover a saúde, os direitos e a dignidade das pessoas que utilizam drogas.

⁹ Material de informação (*flyers*) pela Associação Solidária Uma Vida Como a Arte, à comunidade.

¹⁰ Cinema localizado na Praça da Batalha

¹¹ Formado em filosofia, dedicando-se posteriormente às artes plásticas. Atualmente centra a sua atividade no cinema. Retirado de: <https://desobedoc.wordpress.com/2016/04/15/christophe-brisson/>

nomeadamente membros da atual Associação Uma Vida como a Arte, Bisson propôs a realização de um *workshop* com as mesmas. Após este workshop surgiu a proposta de realização de um filme que mais tarde se veio a denominar de “Silêncio”. Neste filme participaram membros da Associação Solidária Uma Vida como a Arte, enquanto argumentistas e atores, retratando as suas histórias de vida, sempre com o mesmo objetivo, o de dar voz às pessoas em situação de sem-abrigo. Este filme desenrolou-se no interior de um edifício abandonado, com grandes salas esplendorosas que reportam a ideia (ainda que vaga) de luxuosidade. Neste sentido, Christophe Bisson escutou ativamente e diretamente os que conhecem melhor esta realidade, para desta forma contar as suas histórias, colocando cada umas destas pessoas a contar episódios da sua história na primeira pessoa. Como tal, Bisson destacou três elementos que considerou essenciais na realidade de uma pessoa em situação de sem-abrigo: as sonoridades representadas por repetições e pelos sons dos carros a passar na rua; o tempo cíclico de quem vive nesta realidade, como se cada dia fosse igual ao anterior; e a nudez enquanto despojamento existencial e ausência de direitos de cidadania:

Aquilo que Silêncio nos traz é justamente o que a plataforma “As Vozes do Silêncio - Les Voix du Silence” faz: incluir na história aqueles que estão fora dela. E isso começa pela possibilidade de cada um contar a sua própria história. Numa época de intenso individualismo, é a possibilidade de tomarmos consciência do que nos está a acontecer que nos confere existência social. E é a possibilidade de nos apropriarmos desse acontecer que nos confere a possibilidade de mudança. (Fernandes, 2017, p.156)

Foi após este primeiro encontro no Cinema Batalha que surgiu a comissão Uma Vida como a Arte, sendo que foi a 6 de dezembro desse mesmo ano que organizou a sua primeira atividade oficial: um encontro de pessoas em situação de sem-abrigo denominado de “Uma Vida como a Arte - Existimos!!! Nós Somos Pessoas!!!”, realizado no Museu Soares dos Reis. Este encontro teve como objetivo dar visibilidade a esta problemática na cidade do Porto e é considerado pelos membros enquanto marco do início das ações¹² da comissão.

Já em 2014, o então movimento Uma Vida como a Arte tentou uma ação judicial contra o Estado¹³, acusando-o de violação dos direitos humanos. Atualmente, os seus membros garantem que este assunto não foi esquecido e que consideram que enquanto associação passaram a ter mais visibilidade para fazer avançar este processo.

No dia 19 de setembro de 2015 deu-se a Manifestação Cultural “Contra a

¹² Material de informação recolhido do *Facebook* da Associação. Retirado de: <https://www.facebook.com/umavidacomoaarte/>

¹³ Pode consultar-se a notícia publicada no jornal Público, a 11 de dezembro de 2014: <https://www.publico.pt/2014/12/11/sociedade/noticia/e-se-os-semabrigo-processassem-o-estado-por-atentado-aos-direitos-humanos-1679043>

Invisibilidade”, organizada pelo movimento, que decorreu nos jardins da Cordoaria. O objetivo principal desta manifestação era conseguir reunir um conjunto de artistas de diversas áreas (e.g., poesia, música, teatro) que se poderiam vir a juntar à causa, dando-lhe assim maior visibilidade. Atualmente, alguns destes artistas ajudam a associação a alertar a cidade do Porto para o problema social das pessoas em situação de sem-abrigo e a reivindicar os seus Direitos Humanos.

Mais recentemente, entre 2016 e 2017, já enquanto associação, alguns dos seus membros participaram no projeto “Portugal, o Melhor Destino”, organizado pela Dreambooks (uma das parceiras da Plataforma “As Vozes do Silêncio”), cujo objetivo seria captar o Porto através do olhar de pessoas em situação de sem-abrigo. Estas fotografias foram posteriormente exibidas numa exposição intitulada “Olhares de Rua” no Centro Português de Fotografia. Convém referir que após a exposição, as fotos foram oferecidas à associação.

Ainda em 2017 foi lançado o livro “As Vozes do Silêncio - Um grupo de sem-abrigo à conquista de cidadania” que juntou jornalista, fotojornalistas, escritores, fotógrafos, designers, ilustradores, outros artistas e pessoas com experiência de rua. Este livro retrata, através de textos, poemas, contos, textos dramáticos, fotografias e ilustração, quatro anos de construção da cidadania, iniciada em 2013. Importa referir que os direitos de autor e a receita obtida com este livro revertem para um fundo gerido pela Plataforma “Vozes do Silêncio”, sendo que será utilizada para completar custos associados a necessidades decorrentes do processo de reinserção de pessoas em situação de sem-abrigo (e.g., tratamentos dentários, próteses dentárias, óculos, cauções para acesso a aluguer de casa, equipamento doméstico).

Para além da realização das diversas atividades acima enumeradas, esta associação conta com muitas outras ações que têm como objetivo dar visibilidade tanto ao fenómeno, como à própria associação enquanto representativa das pessoas que se encontram nesta condição, de forma a combater a exclusão e a discriminação e a promover a inclusão das pessoas mesmas, através da reivindicação dos seus direitos e deveres enquanto cidadãos do país e do Mundo. Neste sentido, achou-se por bem enumerar algumas destas atividades, como forma de exemplificação: diversas edições do CidadeMais¹⁴ realizado anualmente nos Jardins do Palácio de Cristal, sendo que neste contexto a associação conta com um espaço, onde tenta recolher alguns donativos através da venda de postais ou calendários (realizados

¹⁴ Evento organizado com o objetivo de promover o encontro entre pessoas, projetos, autarquias, instituições e empresas. Retirado de: <https://cidademais.pt/>

pelos próprios), para além de colocar à disposição documentos representativos da sua história; elaboração de um texto para a contracapa do livro “Sobre ti, o Amor” de Carla Carvalho; colaboração na construção do Relatório Especial sobre o Direito a uma Habitação Condigna da Leilani Farha (relatora da ONU); elaboração de uma carta entregue ao Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa, durante uma das suas visitas ao Porto, a dar conta de quais as principais preocupações desta associação.

3. A Arte enquanto Instrumento de Intervenção

Costa (1998) referiu que raramente as “exclusões” são analisadas na perspetiva dos Direitos Humanos fundamentais, propondo que são encaradas mais frequentemente enquanto problemas sociais. Neste sentido, o autor considerou que uma “sociedade democrática” integra diversas democracias, nomeadamente, política, económica, social e cultural, sendo que estas devem ser entendidas enquanto um todo. Como tal, conclui-se que todos os indivíduos se devem encontrar integrados e incluídos não só política e economicamente, mas também social e culturalmente, demonstrando também a importância da cultura na integração plena na sociedade, enquanto cidadão.

Por sua vez, Matarasso (1997) afirmou que é do conhecimento geral que a participação artística gera impacto social, no entanto, segundo o autor, a avaliação deste impacto tem sido alvo de pouca investigação. O autor refere o exemplo da Grã-Bretanha onde se tem assistido a um aumento de iniciativas relacionadas com a participação artística, com o objetivo de combater problemas socioeconómicos. Entre setembro de 1995 e março de 1997, a *Comedia* – centro de investigação independente da Grã-Bretanha – liderou uma investigação acerca do impacto social de programas artísticos, sendo que as conclusões desta demonstraram que a participação em atividades artísticas pode ser benéfica para o aumento da autoconfiança e da coesão social, para o desenvolvimento de capacidades pessoais e para a produção de mudanças sociais. Por outro lado, foi proposta a adequação das políticas culturais e sociais, passando a ser desenvolvidas mais iniciativas artísticas, no sentido de se alcançarem benefícios para a comunidade.

Em setembro de 2007, Tomas Ferm transformou um parque do centro de Gotemburgo, Suécia, num centro cultural ao ar livre. Este projeto, denominado de *Spotcity*, foi descrito por Thörn (2011) e tinha como principal objetivo tornar o espaço público acessível a todos, utilizando-o também para organizar diversos encontros e discussões entre

as pessoas. Inicialmente, este parque era visto apenas como espaço de passagem, sendo também um dos poucos locais no centro da cidade onde vagueavam pessoas sem-abrigo e jovens, tornando-se num espaço estigmatizado. Neste sentido, este projeto vai ao encontro com o proposto por Fortuna (2014), reforçando a ideia de que o papel social da cultura tem vindo a tornar-se cada vez mais relevante, nomeadamente no que diz respeito à promoção da inclusão e participação sociocultural, económica e cívica de grupos sociais mais vulneráveis.

No que diz respeito ao panorama nacional, as iniciativas relacionadas com a implementação da arte enquanto instrumento de intervenção social têm-se verificado, maioritariamente, em associações cujo trabalho é desenvolvido em proximidade com a comunidade (Mendes, 2014), como é o caso daquela sobre a qual incidiu esta investigação. A intervenção comunitária desenvolvida por Ferro, Oliveira, Trindade e Peixoto (2014) na Matriz H do Bairro da Flamenga, é outro exemplo da utilização da arte enquanto instrumento de intervenção social. Neste caso, foram realizados um *workshop* de *breakdance*, um ciclo de cinema ao ar livre e um *workshop* de *graffiti* e muralismo comunitário, com o objetivo de criar espaços de encontro, para que os moradores deste bairro socializassem e estabelecessem relações de vizinhança. Os objetivos deste projeto foram cumpridos, considerando-se que vão ao encontro da ideia proposta por Mendes (2014), no que diz respeito ao facto de as atividades culturais poderem ter um grande contributo para o desenvolvimento da identidade e coesão das comunidades, possibilitando também o reforço das competências e capacidades individuais.

4. Pertinência do Estudo

Tendo em conta que a presente investigação se encontra, maioritariamente, direcionada para a Associação Solidária Uma Vida como a Arte, que tal como visto anteriormente utiliza a arte enquanto instrumento de reivindicação dos Direitos Humanos, considerou-se relevante perceber qual a evidência disponível acerca da influência da arte em fenómenos sociais. Verificou-se que, na sua maioria, a literatura demonstrou que a utilização de diversas formas artísticas pode ser benéfica enquanto instrumento de intervenção social.

Atualmente, tem-se assistido a uma melhoria do entendimento acerca do facto de que as artes e a cultura influenciam de forma significativa a qualificação, a integração social e a melhoria da qualidade de vida de populações mais desfavorecidas e vulneráveis, sendo tal

percetível pela ação dos Estados e dos seus organismos administrativos, assim como de entidades internacionais (e.g., Comunidade Europeia, UNESCO, OCDE) (Fortuna, 2014). Tal se verifica também pela diversidade de estudos realizados, sobretudo no âmbito das ciências sociais e humanas. Por outro lado, as metas traçadas no âmbito da estratégia Europa 2020¹⁵ atribuem à cultura o papel de, simultaneamente com a formação e a qualificação geral dos cidadãos para a empregabilidade, o empreendedorismo e a inovação, promoverem a inclusão e a participação sociocultural, económica e cívica dos grupos mais vulneráveis e expostos a processos de isolamento, discriminação ou exclusão social.

Por outra, tendo esta associação sido originada a partir da ação de uma plataforma integrada na ENIPSA, considerou-se pertinente realizar uma análise sobre a mesma, sendo que esta foi a primeira estratégia nacional, no âmbito do fenómeno das pessoas em situação de sem-abrigo, sendo também a primeira nos países da Europa do Sul, colocando o foco no envolvimento de diferentes entidades (públicas e privadas), desde a conceção até à implementação e monitorização.

¹⁵ Estratégia da União Europeia para o crescimento e o emprego para a década em curso.

PARTE B:

INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

Capítulo I - Método

“A atitude científica é, contudo, consentânea com o seu próprio tempo, coincidente com uma época em que a explicação dos fenómenos deixa de ser procurada em razões situadas fora da natureza e da história.” (Fernandes, 1998, p.9).

Neste capítulo irá ser apresentada toda a metodologia utilizada no presente estudo. Para além da descrição do método, serão também expostos os objetivos e questões de investigação do mesmo.

1. A Investigação-Ação nas Ciências Sociais

Segundo Santos (2008), o modelo da racionalidade utilizado atualmente desenvolveu-se a partir da revolução científica do século XVI, no domínio das ciências naturais. Somente no século XIX (anos 80), este se estendeu ao domínio das ciências sociais. Este novo modelo científico contrariou o modelo positivista utilizado anteriormente, defendendo outras formas de conhecimento como o senso comum e os estudos humanísticos. Desta forma, passou a existir um questionamento da causalidade e um direcionamento para uma conceção mais humanística, valorizando-se as análises qualitativas, privilegiando a hermenêutica e a história enquanto instrumentos fundamentais.

A utilização de metodologias qualitativas na presente investigação esteve relacionada com o facto de esta ser benéfica no estudo de “problemas emergentes em populações escondidas” (p.2), tal como Esteves (1998) o afirmou. Por outro lado, este autor propôs que este tipo de metodologias acarreta um estudo mais intensivo, no sentido de que a condição dos fenómenos estudados implica a realização de trabalho de campo e, para isso, a presença constante dos investigadores no terreno.

Dentro das metodologias qualitativas, optou-se pela utilização da investigação-ação. Este conceito foi proposto por Kurt Lewin, no ano de 1934, após a realização de diversos estudos (Adelman, 1993). Com a conclusão destes, o autor propôs que a utilização da investigação-ação permitia desenvolver relações inter e intra-grupais capazes de promover a comunicação e a cooperação. Por outro lado, McNiff e Whitehead (2011) afirmaram que o propósito da investigação-ação seria também o de gerar novos conhecimentos que originam práticas e auxiliam na explicação e descrição de fenómenos que ainda estão em

investigação. Como tal, referem a importância do ciclo de “ação-reflexão”, como é comumente conhecido. Este ciclo representa, segundo os autores, um processo que envolve observação, reflexão, ação, avaliação, modificação/alteração e tem em conta o facto de, durante este processo, surgirem frequentemente novas questões que podem implicar uma mudança de direção em relação ao plano original. Tal vai ao encontro do proposto por Lewin (1946), que concluiu que a ação, a investigação e o treino de competências se complementam.

Em 1995, Demo enquadrou a investigação-ação no que denominou de “metodologias alternativas”, considerando que estas têm especial relevância na captação da subjetividade dos fenómenos, pois partem da realidade social para a construção de métodos adequados às novas realidades. Por sua vez, Reason e Bradbury (2006) consideraram que a principal diferença entre a investigação-ação e as restantes metodologias assenta na relação estabelecida entre investigadores e sujeitos, afirmando que na primeira é essencial que esta seja colaborativa, tornando os sujeitos num tipo de co-investigadores.

Tendo em conta a temática da presente investigação, importa referir que o próprio Kurt Lewin foi quem deu corpo a esta metodologia na área da psicologia em específico, demonstrando uma certa preocupação com os problemas sociais da sociedade americana (Esteves, 1990), nomeadamente com a baixa autoestima dos grupos minoritários (Lewin, 1946).

2. Questões de Investigação e Objetivos

A presente investigação tinha como principais objetivos: (a) analisar uma estratégia de intervenção com pessoas em situação de sem-abrigo; (b) caracterizar o fenómeno dos sem-abrigo através do que foi observado nos diversos momentos de interação com a Associação Solidária Uma Vida Como a Arte; e (c) caracterizar as trajetórias de vida de alguns membros desta Associação, de forma a perceber qual o impacto desta nas suas vidas. De forma a conseguir concretizar estes objetivos, foram formuladas as seguintes questões de investigação:

- Que elementos das trajetórias de vida estão relacionados com a sua progressiva desinserção, até à situação de sem-abrigo?
- Que elementos das trajetórias de vida estão relacionados com a progressiva reinserção, de modo a ultrapassar a situação de sem-abrigo?

- Qual a influência da Associação Solidária Uma Vida Como a Arte nestas trajetórias?

3. Recolha e Registo de Dados

Tendo em conta que a presente investigação decorreu no contexto da Plataforma “Vozes do Silêncio”, mas concretamente na Associação Solidária Uma Vida como a Arte recorreu-se, essencialmente, a três métodos de recolha e registo de dados: observação participante, diário de campo e entrevistas etnográficas. A observação participante foi iniciada em outubro de 2016, terminando passados nove meses (julho de 2017). Estas observações eram essencialmente semanais, sendo na sua maioria nas reuniões. Este método foi utilizado durante maior período de tempo, no sentido de despir os investigadores do seu próprio conhecimento cultural e captar o conhecimento do grupo em que se inseriram (Iturra, 1990). À semelhança do sugerido por Iturra (1990), a chegada de um dos investigadores ao local resultou de uma escolha orientada pelas questões de investigação colocadas, mas também por circunstâncias não controladas. Além disto, Iturra (1990) afirmou que para além de um método científico, a observação participante é também uma forma de construir o objeto de pesquisa através da aculturação progressiva e do processo permanente de aprendizagem do conhecimento do grupo em estudo como se fosse membro do mesmo. Como tal, o objetivo da observação participante passa por estudar locais onde se conhece a existência de um tipo de fenómenos que não parecem ainda suficientemente esclarecidos ou debatidos.

De forma a organizar toda a informação recolhida, optou-se por recorrer ao registo das mesmas segundo um diário de campo. Com o decorrer do tempo e com o contacto permanente com o grupo, percebeu-se que existia informação recolhida que não se enquadrava nas observações propriamente ditas e, como tal, recorreu-se a Fernandes (2002) como forma de organizar este material. Assim, o diário foi utilizado como uma forma de organizar toda a informação recolhida segundo um fio narrativo, do qual faziam parte observações, notas metodológicas e de terreno, fragmentos de discurso (que não se enquadravam nas restantes partes do diário) e, por último, uma parte que dedicamos aos atores com quem mais convivemos durante o período no terreno. Relativamente às observações é possível constatar que é parte dominante deste diário. As notas de terreno dizem respeito às descobertas que o investigador foi realizando no contacto com os atores,

enquanto que as notas metodológicas estão relacionadas com a autoavaliação realizada pelo investigador durante a investigação, tendo em conta a evolução da mesma. Os fragmentos de discurso constituídos por dados que surgiram espontaneamente durante as diversas conversas, assim como o excerto do diário dedicado aos atores, constituem a parte menor do mesmo.

Em simultâneo com a observação participante e o registo de dados segundo um diário de campo, procedeu-se à recolha de alguns documentos relativos à ENIPSA, ao NPISA do Porto, assim como às diversas plataformas que o integram, dando especial foco à plataforma “Vozes do Silêncio” e, por último, à Associação Solidária Uma Vida como a Arte. A recolha destes documentos permitiu ao investigador, não só um conhecimento mais aprofundado acerca do meio no qual a investigação se realizou, mas também auxiliou na resposta a uma das questões de investigação previamente formuladas (“Qual a influência da Associação Solidária Uma Vida Como a Arte nestas trajetórias?”). A recolha destes documentos deu-se, maioritariamente, através da procura sistemática de informação na *internet*, nomeadamente na rede social *Facebook*, no entanto foi também realizada através de diversos folhetos e materiais recolhidos nas reuniões quer da Associação, quer da Plataforma “Vozes do Silêncio”.

Por último, recorreu-se à utilização de entrevistas etnográficas dado o investigador encontrar-se em contexto privilegiado, uma vez que estava totalmente integrado no grupo sobre o qual incidia a investigação. A entrevista etnográfica pode ser definida como um tipo de discurso que envolve objetivos e direções e, como tal, distingue-se das restantes conversas informais. Assim, neste tipo de conversa, o investigador vai tomando, aos poucos, o controlo da conversa, direcionando as questões para os seus objetivos (Spradley, 1979).

4. Participantes

Foram realizadas cinco entrevistas etnográficas a membros da Associação Solidária Uma Vida como a Arte, em contexto informal (e.g., cafetarias). Os sujeitos apresentavam idades compreendidas entre os 22 e os 66 anos, sendo dois do sexo feminino e três do sexo masculino. A maioria dos entrevistados encontravam-se solteiros, excluindo dois que eram divorciados – um do sexo feminino e outro do sexo masculino. Relativamente aos rendimentos, três dos entrevistados usufruíam do Rendimento Social de Inserção, um deles encontrava-se reformado e outro estava empregado. Para estas entrevistas, foram

considerados apenas membros desta associação, sendo este o único critério de inclusão adotado. No entanto, uma vez que a investigação passou também pelas reuniões semanais da associação e por outras atividades realizadas fora deste contexto, os membros que não foram entrevistados, foram também considerados participantes desta investigação.

Pode-se dizer que o núcleo duro desta associação é constituído, na sua maioria, por elementos do sexo masculino, com o mesmo intervalo de idades dos entrevistados (foram entrevistados os elementos com menor e maior idade). Assim podem encontrar-se algumas semelhanças com o perfil sociográfico encontrado por Paula França (2010)¹⁶, nomeadamente no que diz respeito à predominância de indivíduos do sexo masculino na condição de sem-abrigo, sendo que relativamente ao intervalo de idades, nesta associação verifica-se um aumento da idade limite superior.

5. Tratamento de Dados

Nesta investigação foi utilizada a análise de conteúdo enquanto instrumento de tratamento dos dados recolhidos. Como tal, considera-se pertinente descrever brevemente em que consiste a mesma. Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo é definida enquanto um conjunto de técnicas de análise de comunicação, que recorre a procedimentos sistemáticos e objetivos para a descrição do conteúdo das mensagens. Esta técnica tem como objetivo principal realizar inferências relativas às mensagens recolhidas e sistematizadas (Vala, 1990) e, por isso, implica muito trabalho exaustivo (Bardin, 1977). Atualmente, esta é uma das técnicas mais utilizada na investigação empírica realizada pelas ciências sociais e humanas (Vala, 1990).

Para tratar a informação recolhida a partir das entrevistas etnográficas realizadas nesta investigação, optou-se pela utilização da análise de conteúdo categorial temática. Esta técnica tem em conta a fragmentação do texto em unidades e, posteriormente, em categorias (Bardin, 1977). O primeiro passo desta análise diz respeito à constituição do *corpus* (Bardin, 1977), a partir da transcrição das entrevistas. Esta etapa é realizada tendo em conta a regra da exaustividade – necessidade de se incluírem todos os documentos desse *corpus* (Bardin, 1977). Em seguida, foi realizada uma leitura *flutuante* deste material, a partir do qual se deu início ao processo de categorização. O processo de categorização corresponde ao processo

¹⁶ “Outras Pontes do Porto”: apresentação em *power-point* realizada por Paula França, referida já anteriormente.

através do qual os dados são transformados de forma sistemática e agregados em categorias, que permitem uma descrição exata do conteúdo (Bardin, 1977). As categorias aqui formadas servem como “elementos chave do código do analista” (Vala, 1990, p.110). Estas categorias são constituídas por um termo chave referente ao conceito e por indicadores que descrevem os significados deste conceito (Vala, 1990). Assim, a partir da leitura *flutuante* surgiram os temas que deram origem às diferentes categorias que integram a grelha de análise de conteúdo (cf. Anexo 1).

Relativamente à análise dos dados contemplados no diário de campo procedeu-se a uma divisão do mesmo em grandes temas e realizou-se uma análise em muito semelhante à descrita anteriormente. No entanto, neste caso não foi utilizada uma grelha de análise de conteúdo, sendo que a divisão em grandes temas foi realizada intuitivamente. Como última etapa do tratamento de dados, procedeu-se a um cruzamento de toda a informação recolhida e analisada, de forma a retirar conclusões e verificar se realmente respondem às questões de investigação colocada inicialmente.

Capítulo II – Ser Sem-Abrigo no Porto

1. Breve Nota Introdutória

Até então foram realizados um enquadramento e uma descrição do presente estudo empírico, abordando alguns conceitos e desenvolvimentos que se consideraram essenciais para a compreensão do mesmo.

Neste capítulo pretende-se apresentar o material empírico que resultou do tratamento de dados. Os resultados aqui descritos provêm, não apenas das entrevistas etnográficas, mas também da observação participante e registos em diário de campo, realizados no contexto da Associação Uma Vida como a Arte. Como tal, este capítulo encontra-se dividido segundo quatro temas centrais: 1) trajetória da pessoa sem-abrigo; 2) experiência de ser sem-abrigo; 3) preparar o sair “da rua”; 4) instituições.

Note-se que devido às limitações impostas à dimensão do presente trabalho, irão ser apresentados apenas os principais e mais relevantes resultados. Ainda neste capítulo serão discutidos os aspetos considerados mais relevantes para a presente investigação, integrando a literatura e a perspetiva dos investigadores, sempre que necessário.

2. Trajetória da Pessoa Sem-Abrigo

Segundo Aires (2005) tem sido escassa a reflexão acerca da interação entre os diferentes níveis de causalidade que permitem explicar o processo que conduz os indivíduos a situações de marginalização extrema, bem como à sua persistência ao longo do tempo. Como tal, torna-se fulcral a identificação destas microcausalidades, quer no que diz respeito à investigação, quer no que diz respeito ao delineamento de novas estratégias de intervenção. Para isso, deve ser promovida uma reflexão com o objetivo de dar visibilidade às causas estruturais destes fenómenos e que se encontram inscritas nas trajetórias individuais e familiares destes indivíduos.

Assim, através da análise e tratamento dos dados verificou-se que cada um dos participantes apresenta uma trajetória de vida diferente, sendo que todas culminaram na condição de sem-abrigo demonstrando o caráter complexo e heterogéneo deste fenómeno. Neste sentido, o presente tema encontra-se dividido em cinco subtemas (família,

acontecimentos/situações problemáticas, educação, trabalho/ocupação e consumo de substâncias), encontrando-se todos eles interligados entre si.

Família.

Durante a investigação existiram referências quer à família que a pessoa sem-abrigo contruiu, a que chamaremos família criada (n=2), quer à família de origem (n=4). Relativamente à família criada, apercebemo-nos nas entrevistas que ambos os sujeitos que a referiram eram divorciados, sendo um destes do sexo masculino (T., 66 anos) e outro do sexo feminino (X., 55 anos). No caso de T., o sujeito atribuiu a sua situação de sem-abrigo ao ter ficado desempregado, sendo que este facto originou também a perda de contacto com as suas duas filhas. Atualmente, T. mantém contacto, ainda que esporadicamente, apenas com a filha mais nova, no entanto não conhece nenhum dos netos – dois de cada filha. É de notar que este tema era abordado frequentemente por T., inclusivamente fora do contexto de entrevista, sendo que de todas as vezes T. demonstrava alguma tristeza. No entanto, este indivíduo mencionou também que ambas as filhas possuíam cursos superiores, demonstrando sempre um grande orgulho relativamente a este aspeto. No que diz respeito a X., o divórcio esteve relacionado com outras questões, denominadas nesta investigação de acontecimentos e situações problemáticas. X. também tem uma filha, com a qual mantém atualmente uma boa relação, residindo na mesma casa que ela.

Relativamente à família de origem, dois dos indivíduos referiram o falecimento da mãe como um acontecimento com grande impacto na sua trajetória de vida. Em X., este impacto foi visível em expressões como *“durante uns 10 anos eu não conseguia falar sobre este assunto”*. Por outro lado, esta mulher afirmou que desde essa altura (há 23 anos) que não voltou a ter contacto com o progenitor, nem voltou à residência da família. U. (59 anos), que também fez referência ao falecimento da mãe, acrescentou que a partir dessa altura (há 17 anos) aumentaram os conflitos com a restante família, sendo tal visível através de expressões como *“Fiquei desamparado. Todos se viraram contra mim.”*. Neste sentido, U. demonstrou uma relação de maior proximidade com esta, afirmando que *“O meu pai era diferente, não gostava que a família se reunisse”*.

Durante as entrevistas foram também mencionados conflitos relacionados com os progenitores (n=3). Estes conflitos estavam frequentemente relacionados com o que se denominou de acontecimentos e situações problemáticas e que irá ser descrito no subtema seguinte. Desta forma, considerou-se relevante mencionar que X. se referiu, durante toda a entrevista, ao seu pai enquanto progenitor, chegando a afirmar que o seu *“verdadeiro pai”*

era o padrinho, com quem ficou a morar dos cinco aos oito anos de idade, altura em que os seus pais emigraram para França. No que diz respeito a V. (22 anos), os conflitos com o progenitor iniciaram-se bem mais tarde, uma vez que só o conheceu quando tinha 16 anos de idade. Após ter tido a experiência de viver com este durante dois meses, mas sem nunca perder o contacto com a mãe, V. voltou a ir viver com a mãe, sendo que na altura da entrevista V. mantinha um processo em tribunal contra o progenitor por este se recusar a pagar a sua pensão de alimentos. Por outro lado, Z. (48 anos) é filho de pai incógnito, admitindo que “*também não queria ser assumido por esse homem que engravidou a minha mãe e foi embora*”. Apesar disto, Z. admitiu que não gostava do companheiro que a mãe tinha em Portugal, sendo que se começou a rir ao dizer que enquanto viveu em frente à sua porta, o padrasto tinha que passar por cima porque “*estava a dormir no chão*”.

Ainda relativamente à família de origem, verificou-se que quatro dos indivíduos mencionaram irmãos e outros familiares. U. referiu que, atualmente, não mantém uma relação próxima com nenhum dos seus oito irmãos, principalmente desde que se verificou a necessidade de se realizarem partilhas. No entanto, um dos seus irmãos deixou o seu *cartão-refeição*¹⁷ ao seu dispor, para que ele pudesse comprar alimentos para si. X. referiu que após a morte do seu padrinho, X. foi morar com a irmã do mesmo (a quem chamou tia) até os seus pais voltarem a Portugal e a levarem com eles para França. Mencionou ainda dois irmãos mais velhos, mas admite que atualmente tem “*uma relação mais forte*” com o irmão do meio e nem tanto com o mais velho porque “*tem um feitio mais parecido com o progenitor*”. Contrariamente, Z. refere manter relação com todos os irmãos. No que diz respeito ao quarto indivíduo, V. fez referência ao facto de no 10º ano ter pedido ajuda aos tios, tendo estes ficado com a sua custódia. Acrescentou que “*Ninguém nos trata como se fossemos filhos deles*”.

Deve ser também mencionado o facto de terem surgido assuntos relacionados com a família por diversas vezes, em contexto que não o de entrevista, sendo que de todas essas vezes, os indivíduos demonstraram um afastamento relativamente à família de origem e à que criaram. É de notar, que em geral se verificaram ou modificações da estrutura familiar (Teixeira 2011), ou a ocorrência de abandono/ruturas familiares (Aires, 2005). No entanto, verificou-se que durante o decorrer dessa investigação se verificou que nem sempre a família representou um papel negativo nestas trajetórias, como é o caso de V. que após ter sido rejeitada pelo progenitor, encontrou abrigo junto da mãe, onde apesar das dificuldades

¹⁷ Cartão fornecido pela entidade patronal e que contém o dinheiro referente ao subsídio de refeição.

iniciais que relatou (e.g., dormirem ambas num quarto de solteiro), encontrou o apoio necessário para refazer a sua vida.

Acontecimentos e situações problemáticas.

Neste subtema encontram-se reunidos momentos problemáticos, relatados ao longo da investigação pelos participantes, que segundo eles, influenciaram as suas trajetórias de vida, sendo que em alguns casos, estes momentos foram, em parte, desencadeadores para a condição de sem-abrigo.

Relativamente às entrevistas, apenas quatro dos entrevistados mencionaram situações e acontecimentos problemáticos, verificando-se aqui alguma variedade, abrangendo desde momentos relacionados com a família de origem (n=2) ou com a família criada (n=1), até momentos relacionados com a dificuldade em conseguir documentos que comprovem a nacionalidade Portuguesa (n=1). No que diz respeito aos problemas relacionados com a família de origem, num dos casos estes englobam diversos tipos de violência (física, psicológica, sexual), sendo que alguns destes (física e psicológica) também estão presentes no discurso de X.. No caso de V., esta refere o facto de ter sido deixado trancada fora da casa onde residia com o progenitor, tendo mesmo que chamar a polícia para recolher os seus pertences. Mais recentemente, refere os conflitos existentes durante o processo de tribunal que mantém contra este, sendo patente a influência destes na sua trajetória em expressões como *“Isto ainda mexe comigo, como é que é possível... eu agradeço tudo o que ele tinha feito e podia ter estado a falar mal dele...”* (V., 22 anos). Z. (48 anos) referiu residir em Portugal há 44 anos apesar de continuar visto provisório de residência, que deve ser renovado a cada dois anos, por lhe ser exigida uma certidão de nascimento, à qual não consegue ter acesso por não conhecer ninguém no seu país de origem – Angola. Neste caso está presente a influência do mau funcionamento das instituições sociais na vida deste indivíduo, tal como Aires (2005) o propôs.

Por último, importa ter em conta o relato de dois participantes que fizeram referência à sua condição clínica. Um destes referiu ser portador de *Lúpus*¹⁸, apesar de não saber explicar o que isso é. Disse-me que esta sua condição já fez com que a sua técnica de gestão de caso pensasse que ele era alcoólico, pelo aspeto rosado da sua pele. Sempre que o entrevistado mencionava esta situação, ria-se e dizia que *“não me meto nisso”* (T. 66 anos).

¹⁸ Doença autoimune, em que o sistema imunitário ataca o organismo, provocando inflamação e alteração do órgão afetado. Retirado de <https://www.saudecuf.pt/mais-saude/doencas-a-z/lupus>

O outro participante sofreu um acidente laboral que o deixou fisicamente incapacitado, tendo que ser sujeito frequentemente a diversas intervenções cirúrgicas, referindo estar cansado daquela situação.

Trabalho/Ocupação.

Importa referir antes de mais que neste subtema foram consideradas outras ocupações para além das relacionadas com trabalhos/empregos, tendo em conta que uma das participantes é ainda estudante e que muitos dos participantes mencionaram outras atividades.

No que diz respeito a assuntos relacionados com trabalhos/empregos verificou-se que, ao nível dos participantes entrevistados existiam um estudante, um reformado, um trabalhador ativo e dois que se encontravam desempregados. Para além destes, a maioria dos restantes participantes encontravam-se também desempregados. No entanto, verificou-se que pelo menos três sujeitos mencionaram o facto de ter “*um nível de vida elevado*” antes de passar à condição de sem-abrigo. Por sua vez, existiram relatos relacionados com a formação/educação (n=3), sendo que em todos os casos os indivíduos demonstraram uma baixa escolaridade, nomeadamente através de relatos como “*Tenho o 4º ano e depois fiz o 6º num curso de formação em 2008*” (U., 59 anos) ou como no caso de X. (55 anos) que afirmou ter frequentado 67 formações, todas elas remuneradas. Deste modo e de acordo com o proposto por Bento e Barreto (2002), considera-se que o facto de estes indivíduos apresentarem baixa escolaridade pode ter originado uma maior vulnerabilidade para a condição de sem-abrigo.

Considerou-se importante referir também o facto de existirem relatos de indivíduos que mencionaram longas carreiras num determinado emprego ou área de trabalho e que, por algum motivo, se viram de um momento para o outro, numa situação de desemprego. Nestes casos, verificou-se que na sua maioria, o desemprego estava relacionado com ruturas familiares (Quintas, 2010). No entanto, num caso em específico, após uma primeira situação de desemprego, o sujeito viu-se confrontado com uma situação de precariedade no trabalho (Aires, 2005), acabando por ficar desempregado novamente. Por outro lado, concluiu-se que pelos menos dois dos participantes continuam ativamente a procurar um emprego, demonstrando alguma dificuldade no acesso ao mesmo, tal como Bento e Barreto (2002) o demonstraram.

Relativamente a outras ocupações referidas pelos participantes, todos têm em comum a participação na Associação Solidária Uma Vida como a Arte, sendo que pelo menos um

referiu a sua participação numa outra associação¹⁹. Para além disto, verificou-se a participação ativa dos membros da associação, em geral, em atividades de cariz social e cultural.

Por último, convém realçar o facto de que, se por um lado o desemprego e a desocupação podem levar a trajetórias descendentes relativamente à integração social, a descoberta de novos empregos e ocupações pode desencadear novas trajetórias com objetivo à reinserção. Nesta investigação, verificou-se que em certos casos (e.g., X., 55 anos) o facto de ter reencontrado emprego pode ter sido um elemento importante para a reinserção destes indivíduos na sociedade, à semelhança do que propôs Aires (2005).

Consumo de substâncias.

Relativamente ao consumo ou abuso de substâncias – ilícitas e lícitas, como o tabaco e o álcool –, apenas três indivíduos apresentaram uma trajetória relacionada com os mesmos. Apesar de Bento e Barreto (2002) terem demonstrado que os consumos de substâncias estão associados a uma maior vulnerabilidade dos indivíduos para a condição de sem-abrigo, dos três casos que referiram consumos, apenas um deles demonstrou uma maior vulnerabilidade à condição de sem-abrigo. Num destes casos, verificou-se que o facto de existir um episódio de urgência associado aos consumos pode ter influenciado de forma positiva a sua trajetória de vida, ao beneficiar a sua saúde, uma vez que o sujeito apresenta doenças crónicas associadas aos mesmos. Por outro lado, nos restantes dois casos, concluiu-se que estes são os únicos participantes entrevistados que apresentam experiência de viver na rua. Em ambos estavam presentes consumos de tabaco exagerado, mas também de álcool num deles e de outras substâncias (e.g., haxixe, heroína, cocaína) no outro. X. mencionou que quando bebia em demasia se sentia perdida e “*a derivar*”, sendo que a sua primeira experiência descrita, no Porto, foi quando “*fui parar à Rua Escura, entrei num café e pedi um copo de vinho*” (X., 55 anos). Afirma que atualmente consome álcool esporadicamente, mantendo o consumo de tabaco. Por sua vez, Z. afirmou ter sido “*um dos primeiros consumidores do Porto*” (Z., 48 anos). Atualmente, afirma consumir haxixe, tendo abandonado os restantes consumos há cerca de 12 anos, após ter estado em tratamento (diz que não sabe precisar quanto tempo, mas aponta para cerca de seis anos).

Por último, é de salientar que contrariamente a X., Z. fez referência aos seus consumos enquanto problemáticos, sendo tal perceptível pelo facto de este ter ido dormir para

¹⁹ Associação CASO (referida já anteriormente)

a rua pelo facto de a mãe se negar a aceitar os seus amigos (com quem consumia).

3. Experiência de Ser Sem-Abrigo

Relativamente à experiência, Fernandes e Carvalho (2003) propuseram que esta remete para a subjetividade dos indivíduos enquanto atores sociais. Como tal, concluiu-se que estas variam à semelhança das trajetórias, sendo que um mesmo acontecimento pode ser vivido de forma diferente por diferentes indivíduos.

Durante o contacto com a associação verificou-se que nem todos os membros possuem, efetivamente, experiência de viver na rua. Ainda assim, foi tida em conta a definição que consta na ENIPSA, considerando-se pessoas sem-abrigo todos aqueles que se encontram a viver em espaços públicos ou em condições precárias, que corram o risco de serem despejados ou que residam em alojamentos temporários. Como tal, concluiu-se que todos os entrevistados apresentaram experiências muito diversificadas no que diz respeito à condição de sem-abrigo, quer seja porque nem todos viveram realmente na rua, quer seja pelas diversas razões que os levaram a chegar a esta condição, reforçando mais uma vez o carácter heterogéneo subjacente a este fenómeno (Bento & Barreto, 2002). Apenas dois dos sujeitos entrevistados apresentaram experiência de viver na rua, sendo que os restantes residiram em pensões ou quartos alugados e apenas um referiu ter vivido sempre em casa dos pais, afirmando que “*Nunca casei, nem namorei, nunca tive sorte nessas coisas. Deixei-me andar.*” (U., 59 anos).

Por sua vez, observou-se que alguns dos sujeitos entrevistados (n=3) fizeram referências a aspetos físicos do espaço em que pernoitavam ou passavam grande parte do seu tempo, sendo possível fazer uma ponte entre o que nos foi relatado e o que é retratado no filme “Silêncio”, de Christophe Bisson, no qual participaram membros da Associação Solidária Uma Vida como a Arte, enquanto argumentistas e atores, com o objetivo de retratar histórias vida, dando voz às pessoas em situação de sem-abrigo. Desta forma, V. (22 anos) mencionou o facto de dormir no chão “*sem cobertores, nem colchões*”, ou ainda de dormirem duas pessoas numa cama de solteiro, num quarto alugado apenas para uma pessoa, o que foi descrito como “*um bocado ilegal*” (V., 22 anos). Tanto V., como X. mencionaram estes factos nas suas entrevistas, demonstrando que este foi um aspeto marcante nas suas trajetórias. Por outro lado, X. relatou a sua experiência quando chegou às escadas de um cinema da baixa do Porto, onde ficou durante “*três meses e três dias*”. “*Fui ficando*” –

afirmou X. – acrescentando que a sua “*primeira grande viagem*” foi até aos semáforos junto ao Café Majestic²⁰. Por sua vez, Z. (48 anos) afirmou ter estado “*10 anos a viver à porta da minha casa*”, sendo que neste caso em específico o sujeito afirma ter ido viver para a rua apenas por vontade própria, admitindo que tanto as suas irmãs, como a sua mãe sabiam qual a sua situação e prestavam-lhe algum auxílio, nomeadamente no que diz respeito à alimentação.

Por outro lado, considera-se relevante o facto de, em certos casos, estas lembranças fazerem sobressair as emoções referentes à sua própria condição, sendo que tal é expresso através de afirmação como “*Não sabia o que fazer, só sabia que não podia sair do Porto.*” e “*Não tinha forças para mais nada*”. Por outro lado, T. (66 anos) descreveu a sua condição como um momento de instabilidade apenas económica, sendo que “*O ser sem-abrigo não significa bandalheira.*”, acrescentando que sempre andou arranjado.

Relativamente à experiência no que se refere ao consumo de substâncias, considerou-se que no caso de X. (55 anos), o consumo exagerado de álcool pode ser encarado como sendo escape aos problemas do seu dia-a-dia, uma vez que afirmou que se sentia “*perdida*” e “*quando estava assim, bebia*”. Já no caso de Z. (48 anos) os consumos podem ter sido encarados pelo sujeito enquanto um desafio partilhado com os seus amigos.

Por outra, ainda nas entrevistas existiram também discursos que demonstraram um certo repúdio relativamente a algumas substâncias (n=2), considerando-se que tal se deve ao facto de terem assistido aos efeitos por elas causados, uma vez que ambos os casos os sujeitos tinham família com historial de consumos. Assim, percebe-se que cada sujeito experimenta estes consumos de diferente forma, existindo diversas experiências de interação entre os sujeitos e as substâncias (Fernandes & Carvalho, 2003).

Por último, importa referir que durante os diversos encontros em que o investigador esteve presente, foi-lhe possível observar que os indivíduos partilhavam diversas experiências. Em alguns casos, estas experiências eram vividas individualmente ou com indivíduos exteriores ao contexto da associação/plataforma, mas em muitos outros, as experiências relatadas eram vivida sem conjunto por diferentes membros da associação, sendo visível através de expressões como “*Foi de rir! Até este que nem bebe, bebeu!*” (Excerto de diário de campo, 19 de maio de 2017). Por sua vez considerou-se que o tempo que estes indivíduos estiveram expostos à condição de sem-abrigo foi determinante para as suas experiências (Aires, 2005), sendo tal visível também no discurso dos diferentes membros da associação através das

²⁰ Café situado na Rua Santa Catarina, no Porto.

diversas formas de encarar a situação, ou a opinião acerca de quais os apoios mais essenciais a quem se encontra nesta situação.

4. Preparar o Sair “da Rua”: Uma Vida como a Arte

Tal como referido acima, o percurso desta associação iniciou-se como um grupo informal de pessoas com experiência de sem-abrigo, sendo que a maioria dos indivíduos entrevistados aderiram ainda por essa altura. Quatro dos cinco entrevistados fizeram referência a um indivíduo, em específico, que era “*Como é que se diz... Educador de Pares*” (U., 59 anos) no Espaço T e que foi quem iniciou as reuniões da comissão, com o objetivo de “*fazer algo diferente com os sem-abrigo*” (X., 55 anos). Assim, considerou-se que o início da participação destes indivíduos nas reuniões poderá ter promovido o seu empoderamento (Jesus & Menezes, 2010).

Por outra, considerou-se que a trajetória desta associação tem sido um pouco turbulenta, principalmente no que diz respeito aos seus membros que pelos mais diversos motivos apresentam conflitos, chegando muitas vezes a ausentar-se temporária ou definitivamente. Assim, considerou-se importante mencionar o facto de, durante o período de investigação, ter sido possível ao investigador observar diversos momentos em que chegavam pessoas novas com o intuito de conhecer a associação e, possivelmente, se tornarem membros. Apesar de todos os participantes admitirem concordar com os pressupostos e ideais da associação e todos concordarem com a evolução positiva que esta tem tido, foram presenciados diversos conflitos por divergência de opinião durante as reuniões, nomeadamente no que diz respeito ao futuro da associação. Assim, X. (55 anos) afirma que “*o objetivo principal é gerar dinheiro para ajudar as pessoas*”, referindo a possibilidade de a associação se tornar numa IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social), contrariamente ao que a restante maioria pensa. No entanto, todos parecem concordar com a ideia de que não se querem tornar apenas mais uma associação, sendo visível através de expressões como “*um sítio onde os sem-abrigo pudessem passar os dias, tomar banho, e onde pudessem passar a noite caso fossem parar à rua numa altura em que as instituições estão fechadas*” (X., 55 anos).

Por outro lado, a maioria dos indivíduos referiram ter aderido às reuniões, inicialmente com o objetivo de ocupar o seu tempo, sendo que posteriormente se mantiveram por diversos outros motivos como: “*ajudar as pessoas*” (U., 59 anos); “*achei que seria uma boa luta*” (X., 55 anos); “*queria aprender sobre o tema*” (T., 66 anos). Assim, considera-se

que a trajetória de vida destes indivíduos foi alterada com a sua participação nestas reuniões, quer seja pelo facto de esta estar presente em grande parte da vida dos mesmos, ou até pelo facto de a associação se definir enquanto reivindicativa pelos Direitos Humanos das pessoas em situação de sem-abrigo, tornando-se representativa de todas as pessoas que se encontram nesta condição. Neste sentido, pensa-se que a participação nestas reuniões promoveu o empoderamento destes indivíduos a nível pessoal, organizacional e político (Kleba & Wendausen, 2009), no sentido de ter influenciado de forma positiva o aumento da autonomia e liberdade destes indivíduos e de ter promovido um sentimento de pertença grupal e participação social dos mesmos. Por outra, conclui-se que o facto de estes indivíduos participarem em atividades artísticas beneficiou o aumento da autoconfiança e coesão social, contribuindo também para o desenvolvimento de capacidades pessoais e para a produção de mudanças sociais (Matarasso, 1997).

Com o passar do tempo, foi possível assistir-se a uma evolução positiva nas dinâmicas das reuniões, verificando-se conflitos pontuais e que eram de fácil resolução. O mesmo não se verificava fora do contexto das reuniões, onde muitas vezes surgiam desabafos pessoais por parte dos membros da associação. Contudo, é possível concluir que esta é uma associação que pretende representar pessoas em situação de sem-abrigo e esse papel tem vindo a ser cumprido, tal como se pôde observar aquando da assinatura de uma parceria com a Comunidade Vida e Paz (Lisboa) ou na sua participação para o desenvolvimento da nova Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem Abrigo (2017-2023).

Por último, é de salientar que a maioria destes indivíduos afirmou que, de certa forma, a sua vida melhorou com a sua participação nestas reuniões, acreditando que a associação pode continuar a crescer e a ganhar cada vez maior visibilidade, no sentido de dar maior visibilidade também ao fenómeno das pessoas em situação de sem-abrigo. Considera-se também relevante o facto de a própria experiência destes indivíduos influenciar no trajeto desta associação, no que diz respeito ao apoio prestado/oferecido às pessoas que se encontram nesta situação.

5. Instituições

De uma forma geral, todos os indivíduos entrevistados referiram, em alguma parte do seu discurso, aspetos menos positivos da Segurança Social na sua vida. No entanto, alguns

referem também a importância da mesma no apoio a pessoas em situação de sem-abrigo, apesar de concordarem que, muitas vezes, esta não cumpre devidamente o seu papel.

Relativamente às entrevistas, três sujeitos referiram apenas aspetos negativos relativamente à influência da Segurança Social na sua trajetória, nomeadamente no que diz respeito ao papel das suas técnicas (gestoras de caso), demonstrando que, de alguma forma, estas não cumprem devidamente o seu papel, contribuindo para o agravamento da condição de sem-abrigo. Numa das entrevistas foi referido o facto de, frequentemente, os técnicos não procurarem que estes indivíduos contactem com a família, afirmando que esta *“era uma das primeiras coisas que se devia fazer”* (T., 66 anos). Por sua vez, V. (22 anos) referiu o facto de quando se dirigiu a uma das técnicas da Segurança Social, esta lhe ter dito que deveria ter ficado com o pai *“porque ele tinha rendimentos”*, demonstrando algum repúdio relativamente a esta atitude. Mencionou também que não obteve ajuda por parte desta técnica quando se encontrava a viver numa ilha²¹ onde dormia no chão *“sem cobertores, nem colchões”* com a sua mãe. Por último X. (55 anos) referiu que *“não pude contar com ajudas”* quando decidiu mudar-se para uma casa com melhores condições, acrescentando que *“as promessas das doutoras nunca se cumpriram”*.

À semelhança destes, outros membros da associação citaram diversas vezes o papel da Segurança Social, frisando sempre o mau funcionamento da mesma. Um destes indivíduos referiu mesmo já ter feito queixa de uma técnica de gestão de caso em Lisboa. Em contexto de associação podem-se considerar referências a assuntos relacionados com a falta de eficácia da Segurança Social, no que diz respeito aos apoios prestados a pessoas em situação de sem-abrigo, gerando-se um clima de insatisfação e revolta. Daqui surge a vontade de querer apoiar estes indivíduos quando a segurança social não o faz. Desta forma, apesar de a associação em questão se encontrar enquadrada no âmbito da ENIPSA, após a compreendeu-se que a ideia de que a Segurança Social (muitas vezes representada pelos técnicos de gestão de caso) não cumpria devidamente o seu papel, estava bastante evidente. De certa forma, este aspeto vem também mencionado no relatório de avaliação da ENIPSA, no que diz respeito aos pontos fracos: “Fracas melhoria na qualidade dos serviços prestados, nomeadamente em termos de respostas sociais” e “Inexistência de um sistema de informação partilhado que permita a sistematização dos dados a nível nacional”. Este último ponto vai

²¹ Agrupamentos de duas filas de casas térreas, separadas por um arruamento estreito e com uma fachada única. Retirado de: <http://cargocollective.com/ilhasdoporto/Ilhas-com-historia>

também de encontro ao que alguns técnicos do terreno afirmaram em Aires (2005), sugerindo que seria benéfico trabalhar em parceria com outras instituições

Por outro lado, a Santa Casa da Misericórdia foi também mencionada quando surgiu o assunto das habitações sociais²², uma vez que vários indivíduos (n=3) demonstraram a possibilidade de passarem a residir nas mesmas. Para além disto, um participante mencionou o facto de não ter recebido o auxílio adequado aquando da condição de sem-abrigo, referido que só tinha direito a uma refeição por dia na Casa da Rua, sendo que as restantes refeições eram constituídas pelas “*maçãs que os outros não queriam*” (T., 66 anos). Por último, foram feitas referências ao papel das moderadoras²³, uma vez que em certos casos os indivíduos consideravam que estas interferiam nas decisões da associação e que isto não deveria acontecer, sendo que uma em específico influenciou mesmo a sua ausência temporária das reuniões. Assim, apesar do seu papel e conhecimento técnico ser imprescindível para a associação, os seus membros não concordam que sejam as moderadoras a orientar o rumo das reuniões, tal como não concordam que estas tomem decisões pela associação.

Nas reuniões, esta instituição surgiu predominantemente quando a associação assinou a escritura em notário e se verificou um acréscimo da preocupação relativa ao espaço onde ficaria a sua sede. Atualmente, a maior parte das reuniões ocorrem no Espaço T, apesar de continuarem a existir reuniões na Casa da Rua, no sentido de agradecer o facto de sempre os terem acolhido e ajudado.

Dois dos entrevistados fizeram ainda referência a outras instituições, nomeadamente o Governo, a Universidade Católica do Porto (UCP) e a Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP). No que diz respeito às referências feitas ao Governo, estas ocorreram durante uma das entrevistas, sendo que o indivíduo lhe atribuiu a responsabilidade das condições em que as pessoas em situação de sem-abrigo vivem. Por outro lado, as outras duas instituições – UCP e FPCEUP – foram referidas, também durante uma entrevista, quando o indivíduo nomeava diversas instituições que apoiaram a instituição desde início.

Para além destas, uma outra instituição foi referida em diversos momentos no contexto associativo, nomeadamente nas suas reuniões semanais, sendo esta a Câmara

²² complexo habitacional construído ao abrigo do PER (Programa Especial de Realojamento), habitações arrendadas a pessoas com dificuldades económico-financeiras. Retirado de: https://www.scmp.pt/pt-pt/instituicao/patrimonio_2

²³ Técnicas(os) da Segurança Social que tinham como papel moderar/orientar as reuniões semanais da Associação.

Municipal do Porto. Esta instituição foi bastante mencionada aquando do início da observação participante, por ter coincidido com a abertura do Restaurante Solidário do Porto. Alguns dos membros da associação dirigiam-se a este local para fazer a sua refeição – jantar – e, como tal eram trazidas críticas positivas e negativas acerca do seu funcionamento para as reuniões, tal como eram feitas sugestões para o melhorar. Por outro lado, esta instituição foi mencionada nos diversos momentos em que surgia o tema relacionado com a pretensão a um espaço próprio, na cidade do Porto, para sede da associação. Este assunto gerava alguma revolta por parte dos membros, pelo facto de já terem tido várias reuniões com representantes da Câmara e a situação não se ter alterado até ao momento.

Apesar das experiências e opiniões negativas mencionadas pelos indivíduos, a maioria dos mesmos parecem concordar que as mesmas instituições mencionadas são de grande importância no que diz respeito a intervenções relacionadas com o fenómeno das pessoas em situação de sem-abrigo.

Conclusão

Neste estudo pretendeu-se aprofundar o conhecimento acerca da ENIPSA que esteve em vigor entre 2009 e 2015, tendo como foco principal a Associação Solidária “Uma Vida como a Arte”. Pretendia-se caracterizar o fenómeno das pessoas sem-abrigo, a partir do contacto direto e permanente com os membros desta Associação, assim como caracterizar as suas trajetórias de vida e perceber qual a impacto da Associação nas mesmas.

Quando inicialmente foi proposta a realização de uma investigação neste âmbito, a nossa atenção voltou quase que instantaneamente para o trabalho desenvolvido por esta Associação. Ao entrar em contacto com os membros desta, apercebemo-nos que apesar de estes indivíduos se encontrarem ainda que numa situação de vulnerabilidade, conseguem ter papel ativo em muitas das decisões tomadas relativamente a este fenómeno, quer no que diz respeito à cidade do Porto, como a nível nacional. Como tal, apesar do relativo pouco tempo de investigação no terreno, foi possível assistir a uma evolução crescente desta, sendo visível uma melhor organização das ideias e propostas. Desta forma, a Associação foi tendo cada vez mais um papel decisivo no que diz respeito à intervenção social junto destas populações, inicialmente na cidade do Porto e depois a nível nacional. É de realçar a satisfação sentida pelos membros quando, finalmente conseguiram passar de “Movimento” para “Associação”, relevando sempre que este avanço lhes permitiria prestar um melhor apoio à população sem-abrigo. Por outra, deve ser referido também o enorme avanço quando foi realizada uma parceria com a Comunidade Vida e Paz²³ (já no final do período de investigação no terreno), onde para além da sua atuação no Porto, estenderam as suas ações à área metropolitana de Lisboa. Com esta parceria, e com outras que vão realizando à medida que vão avançando, esta Associação tem-se conseguido evidenciar cada vez, sempre com os mesmos objetivos presentes.

O facto de esta associação utilizar a arte enquanto objeto de reivindicação dos direitos das pessoas em situação de sem-abrigo foi, sem dúvida, um fator que atraiu a nossa atenção. Afinal, já Guerra e Quintela (2007) consideraram que a cultura pode ser encarada como parte integrante da ontologia da humanidade, acrescentando que esta tem um papel central no

²³ Organização, sediada em Lisboa, que pretende responder às necessidades e potencialidades das pessoas em condição de sem-abrigo ou em situação de vulnerabilidade social. Retirado de: <https://www.cvidaepaz.pt/sobre/#acomunidade>

desenvolvimento das sociedades e que pode servir como alavanca para um patamar mínimo de qualidade de vida.

Após a pesquisa bibliográfica realizada no âmbito desta investigação concluiu-se também que, apesar da existência de diversos estudos a nível nacional onde se fazem referências às trajetórias de vida das pessoas em situação de sem-abrigo e à própria ENIPSA, talvez fosse benéfico restringir a investigação ao contexto da Associação. No entanto, teve-se sempre em atenção o facto de esta se encontrar intimamente relacionada com toda a ENIPSA e como tal, pretendeu-se desde início aprofundar todo o conhecimento acerca da mesma, de forma a conseguir enquadrá-la. Neste sentido, considera-se que a maior limitação desta investigação talvez esteja relacionada com o número de participantes, sendo que mesmo apesar de a Associação se afirmar enquanto representativa da população sem-abrigo, sabe-se que cada uma experiencia esta condição de forma diferente, alterando também a sua própria trajetória.

Por outra, considera-se importante realçar que o esforço que tem sido feito por parte do governo, no que diz respeito ao desenvolvimento de intervenções capazes de promover a reinserção destas pessoas na sociedade. Tal é realçado pelo Relatório de Avaliação da ENIPSA (2017) e pela tentativa de colmatar pontos menos positivos através da sua reformulação e implementação de uma nova estratégia. Neste sentido, apesar de se considerar que o papel da ENIPSA (2009-2015) foi de extrema relevância a nível social, atenta-se ao facto de os trabalhos relacionados com a mesma terem sido interrompidos desde 2003, acrescentando-se que ainda existe muito trabalho a ser desenvolvido. Por sua vez, é possível observar no mesmo relatório de avaliação quais os pontos fortes e fracos desta mesma estratégia, considerando-se que não devem ser realizadas alterações de fundo ao plano estratégico, mas sim potenciar o trabalho já realizado, de forma a facilitar a implementação de uma nova estratégia. Neste sentido, as atividades a realizar para a concretização de objetivos devem ser discutidas e ajustadas, seja através da definição de um cronograma, o envolvimento de novas entidades ou a identificação de investimento orçamental.

Referências Bibliográficas

- Adelman, C. (1993). Kurt Lewin and the origins of action research. *Educational Action Research*, 1, 7-24. doi:[10.1080/0965079930010102](https://doi.org/10.1080/0965079930010102)
- Aires, S. (2005). in *EXTREMIS: Fenómenos, actores e práticas nos domínios da pobreza e da exclusão social extrema*. Porto: REAPN – Rede Europeia Anti-Pobreza/Portugal.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). Lisboa: Edições 70.
- Barreto, E. R. (2000). *Vinculação e relações de objecto dos sem-abrigo: Um estudo exploratório*. Manuscrito não publicado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa. Retirado de: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/975/1/DM%20BARR-E1.pdf>
- Bento, A., & Barreto, E. (2002). *Sem-amor, sem-abrigo*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Costa, A. B. (1998). *Exclusões sociais*. Lisboa: Fundação Mário Soares, Gradiva Publicações, lda.
- Costa, A. B. (Coord). (2008). *Um olhar sobre a pobreza: Vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Gradiva.
- Camões, A. C. R. (2012). *Trajetórias de vulnerabilidade: Perceção subjetiva e objetiva da condição do «novo pobre»*. Manuscrito não publicado, Universidade Católica Portuguesa: Faculdade de Educação e Psicologia, Porto. Retirado de: <http://hdl.handle.net/10400.14/9241>
- Constituição da República Portuguesa*. (1976). Lisboa. Retirado de: <https://dre.pt/constituicao-da-republica-portuguesa>
- Declaração Universal dos Direitos do Homem*. (1948). Retirado de: https://apcrsi.pt/legislacao_old/19481210_declaracao_universal_dos_direitos_humanos.pdf
- Demo, P. (1995). Metodologias alternativas: Algumas pistas introdutórias. In P. Demo (Ed.), *Metodologia científica das ciências sociais* (pp. 229-257). São Paulo: Atlas.
- Esteves, A. J. (1990). A investigação-ação. In A. Silva & J. Pinto (Ed.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 251-278). Porto: Edições Afrontamento.
- Esteves, A. (1998). Metodologias qualitativas: Perspetivas gerais. In A. Esteves & J. Azevedo. (Ed.), *Metodologias qualitativas para as ciências sociais* (pp. 1-8). Porto: Instituto de Sociologia.

- Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem-Abrigo: Prevenção, Intervenção e Acompanhamento (ENIPSA)*. (2009-2015). Lisboa: Instituto da Segurança Social. Retirado de http://www.seg-social.pt/documents/10152/13334/enipsa_2009_2015
- Fernandes, A. T. (1998). Alguns desafios teórico-metodológicos. In A. Esteves & J. Azevedo (Ed.), *Metodologias qualitativas para as ciências sociais* (pp. 9-27). Porto: Instituto de Sociologia.
- Fernandes, L. (2002). Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: As facetas da escrita etnográfica. *Experiência etnográfica em ciências sociais*, 23-40. Retirado de: <http://hdl.handle.net/10216/94812>
- Fernandes, L. (2017). Silêncio. In Pereira, A. C. & “As Vozes do Silêncio/Les Voix du Silence” (Ed.), *As Vozes do silêncio: Um grupo de sem-abrigo à conquista de cidadania* (pp. 154-156). APURO – Associação Cultural e Filantrópica.
- Fernandes, L., & Carvalho, M. C. (2003). *Consumos problemáticos de drogas em populações ocultas*. Lisboa: Instituto da Droga e Toxicodependência.
- Fernandes, M. M. D. (2006). *Fechados no silêncio: Os sem-abrigo*. Manuscrito não publicado, Universidades Aberta, Porto. Retirado de: <http://hdl.handle.net/10400.2/619>
- Ferro, L., Oliveira, P., Trindade, S., & Peixoto, S. (2014). “Vive o bairro!”: A intervenção comunitária como ferramenta da redução de riscos e minimização de danos na matriz H do bairro da Flamengo. *Forum Sociológico*, 25, 63-72. doi:[10.4000/sociologico.910](https://doi.org/10.4000/sociologico.910)
- Fortuna, C. (Eds). (2014). *Cultura, formação e cidadania*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais. Retirado de: <http://www.gepac.gov.pt/gepac-seminarios/cultura2020/relatorio-ces-ficheiro.aspx>
- Guerra, P., & Quintela, P. (2007). *A Cultura como alavanca de inclusão e de participação social: uma nova geração de políticas públicas de proximidade*. CIES – Centre for Research and Studies in Sociology. Retirado de: <http://hdl.handle.net/10216/53670>
- Goffman, E. (1963). *Stigma: notes on the management of spoiled identity*. Jenkins, Retirado de: https://campus.fsu.edu/bbcswebdav/institution/academic/social_sciences/sociology/Reading%20Lists/Social%20Psych%20Prelim%20Readings/III.%20Self%20and%20Identity/1963%20Goffman%20-%20Stigma%20and%20Social%20Identity.pdf
- Iturra, R. (1990). Trabalho de campo e observação participante em antropologia. In A. S.

- Silva & J. M. Pinto (Ed.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 149-163). Porto: Edições Afrontamento.
- Jesus, M. F., & Menezes, I. (2010). A Experiência de sem-abrigo como promotora de empoderamento psicológico. *Análise Psicológica*, 3(28), 527-535. Retirado de: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0870-82312010000300012&script=sci_arttext&tlng=pt
- Kleba, M. E., & Wendausen, A. (2009). Empoderamento: Processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. *Saúde Soc*, 18 (4), 733-743. Retirado de: <https://www.revistas.usp.br/sausoc/article/download/29498/31358>
- Lewin, K. (1946). Action research and minority problems. *Jornal of Social Issues*, 2, 34-46. doi: [10.1111/j.1540-4560.1946.tb02295.x](https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1946.tb02295.x)
- Malraux, A. *As Vozes do silêncio* (Vol. 2). Lisboa: Livros do Brasil.
- Matarasso, F., (1997). *Use or ornament? The social impact of participation in the arts*. Stroud: Comedia. Retirado de: <http://www.culturenet.cz/res/data/004/000571.pdf>
- McNiff, J., & Whitehead, J. (2011). *All you need to know about action research* (2nd ed.). SAGE Publications.
- Mendes, S. R. (2014). “*Som da rua*”: *Cultura e arte junto de uma comunidade sem-abrigo*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Letras, Porto. Retirado de: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77757/2/33819.pdf>
- Miguel, M., Ornelas, J., & Maroco, J. (2010). Modelo de atitudes face aos sem-abrigo em Portugal. *Análise Psicológica*, 3 (28), 437-450. Retirado: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0870-82312010000300005&script=sci_arttext&tlng=pt
- Muñoz, M., & Vásquez, C. (1998). Las personas sin hogar: Aspectos psicosociales de la situación española. *Intervención Psicosocial*, 7 (1), 7-26. Retirado de: <http://www.copmadrid.org/webcopm/publicaciones/social/41306.pdf>
- Nascimento, M. (2016). *Sem-abrigo: Perspectiva da reinserção social, Uma Vida Pós-Rua*. Manuscrito não publicado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias: Escola de Psicologia e Ciências da Vida, Lisboa. Retirado de: <http://hdl.handle.net/10437/7136>
- Paugam. S. (2003). *A desqualificação social: Ensaio sobre a nova pobreza*. Porto: Porto Editora.
- Pereira, C. A. (2009). *A resiliência e a vulnerabilidade ao stress numa população sem-*

- abrigo*. Manuscrito não publicado, Universidade Fernando Pessoa: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Porto. Retirado de: <http://hdl.handle.net/10284/1255>
- Pereira, A. C., & “As Vozes do Silêncio/Les Voix du Silence” (Eds.). (2017). *As vozes do silêncio: Um grupo de sem-abrigo à conquista de cidadania*. APURO – Associação Cultural e Filantrópica.
- Quintas, S. M. M. (2010). *A percepção de técnicos e indivíduos “sem-abrigo”: Histórias ocultas de uma realidade no Porto*. Manuscrito não publicado, Universidade do Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Porto. Retirado de: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57419/2/29568.pdf>
- Reason, P., & Bradbury, H. (2006). *Handbook of action research*. SAGE Publications.
- Relatório de Avaliação da Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem-Abrigo 2009-2015: Prevenção, Intervenção e Acompanhamento*. (2017). Retirado de: http://www.seg-social.pt/documents/10152/15112386/RA_ENIPSA/f9a37599-3334-4ad3-861e-d3c165349c68
- Resolução da Assembleia da República n.º 64-A/2001. Retirado de: http://www.dgpj.mj.pt/sections/relacoes-internacionais/copy_of_anexos/carta-social-europeia8496/downloadFile/file/STE_163.pdf?nocache=1200589188.48
- Rodrigues, E. V., Samagaio, F., Ferreira, H., Mendes, M. M., & Januário, S. (1999). A pobreza e a exclusão social: Teorias, conceitos e políticas sociais em Portugal. *Revista da Faculdade de Letras: Sociologia*, 09, 63-101. Retirado de: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/viewFile/2566/2351>
- Rui, T. (2010). *Revista de antropologia*, 53(2), 801-808. Retirado de: <http://www.jstor.org/stable/41616394>
- Santos, B. D. S. (2008). *Um discurso sobre as ciências*. Retirado de: <https://pt.slideshare.net/bibliomiranda/89869029-umdiscursosobreascienciasboaventuradesousasantos>
- Semedo, N. L. (2012). *Perspetiva do sem-abrigo para o futuro*. Manuscrito não publicado, Universidade Técnica de Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa. Retirado de: <http://hdl.handle.net/10400.5/5884>
- Spradley, J. P. (1979). *The ethnographic interview*. Belmont CA: Wadsworth Group.
- Teixeira, S. M. (2011). *Sem-abrigo: O acompanhamento institucional e a sua repercussão no quotidiano*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Departamento de Sociologia, Porto. Retirado de: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/68846/2/28401.pdf>

- Thörn, C. (2011). Spotcity: A arte e a política do espaço público. *Fórum Sociológico: Série II*, 21, 1-18. doi:[10.4000/sociologico.435](https://doi.org/10.4000/sociologico.435)
- Vala, J. (1990). *A Análise de conteúdo*. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Ed.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.

Anexos

Anexo 1 - Grelha de análise de conteúdo e descrição das respetivas categorias.

Tema	Categoria	Subcategoria
1. Experiência	Sem-Abrigo	
	Consumo de Substâncias	
2. Trajetória	Família	Família de origem
		Família de se criou
	Acontecimento/Situações Problemáticas	
	Educação	
	Trabalho/Ocupação	Desemprego
		Trabalho Precário
		Trabalho/Ocupação Atual
	Consumo de Substâncias	
3. Uma Vida como a Arte	Ingresso/Adesão	
	Papel desempenhado pela Associação	
	Direções de Futuro	
4. Instituições	Segurança Social	
	Santa Casa da Misericórdia	
	Outras	

1. Experiência

Diz respeito à dimensão mais subjetiva do fenômeno e inclui todas as referências respeitantes aos sentimentos e ações dos indivíduos relativas à situação de sem-abrigo, tendo ou não experiência de rua. Inclui também a experiência relativa aos consumos de substâncias lícitas ou ilícitas.

2. Trajetória

Nesta categoria foi tida em conta a trajetória de vida dos indivíduos enquanto uma linha do tempo e, foram incluídas todas as referências respeitantes aos elementos que, de alguma forma, foram relevantes para a mesma, nomeadamente a família, o trabalho ou ocupação, a educação e, os consumos de substâncias, sejam elas lícitas ou ilícitas. Relativamente à família deu-se especial relevância à família de origem e à família que os indivíduos construíram. Já no que diz respeito à subcategoria de trabalho ou ocupação deu-se especial atenção no que diz respeito ao desemprego, ao trabalho precário e a ocupações/trabalhos que estes indivíduos possam ter atualmente.

3. Uma Vida como a Arte

Todos os segmentos de texto referentes aos motivos que levaram os indivíduos a aderir e participar na Associação, assim como a sua perceção relativamente à possível influência desta participação nas suas vidas. Por outro lado, inclui-se possíveis propostas relativas às direções de futuro desta Associação.

4. Instituições

Todas as referências respeitantes às instituições mencionadas pelos indivíduos, quer nas entrevistas, quer durante o período de observação no terreno (e.g., encontros da Associação Solidária Uma Vida como a Arte).